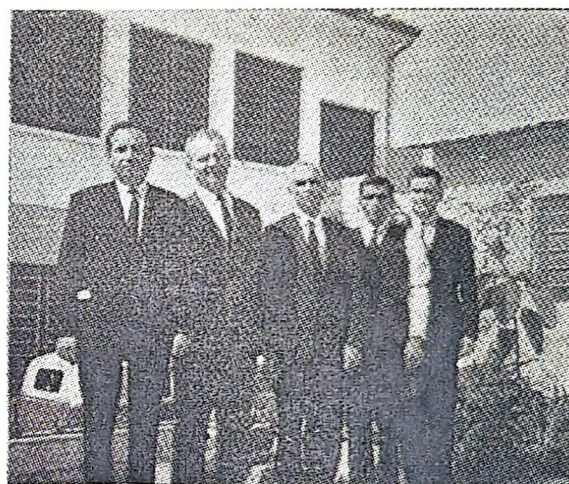
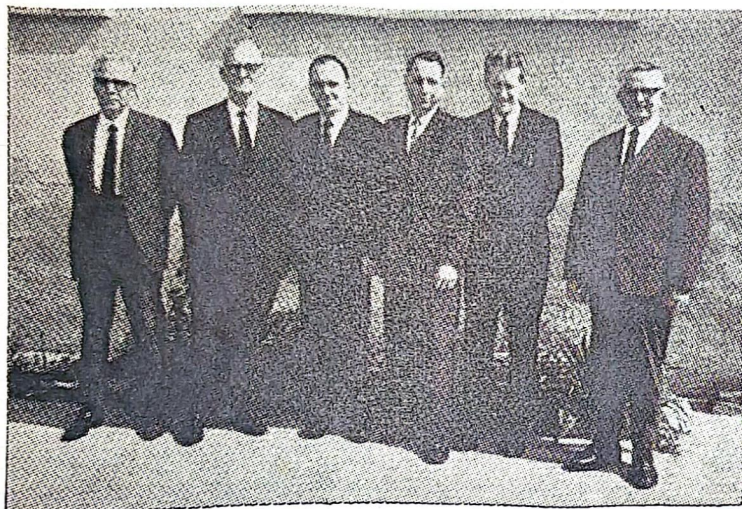
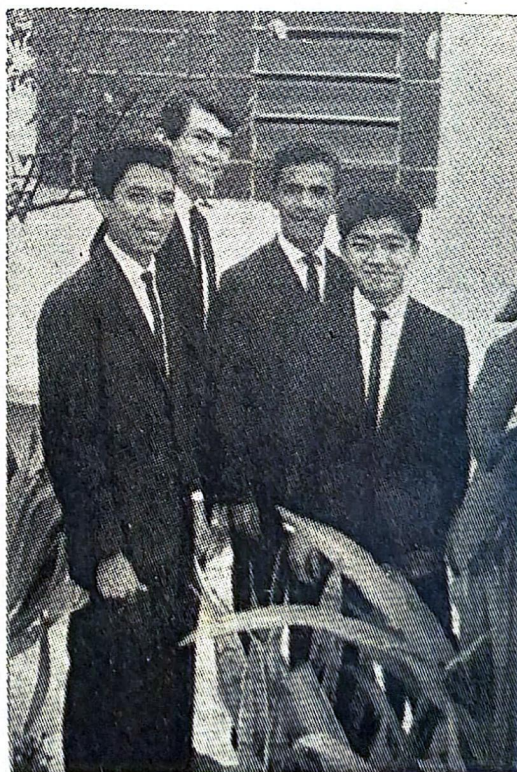
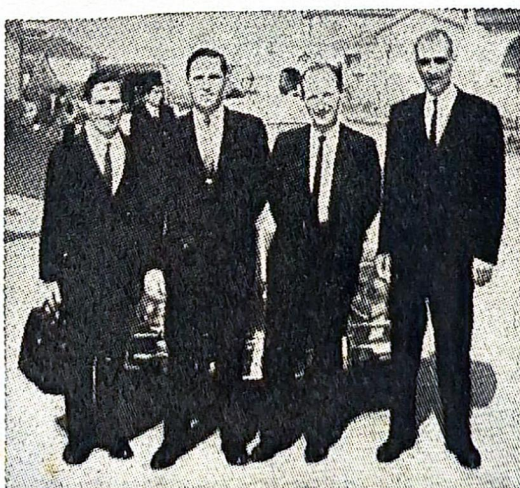
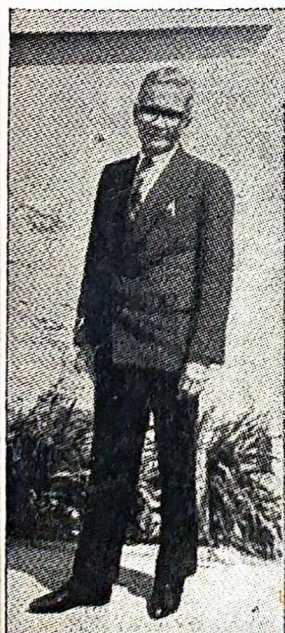
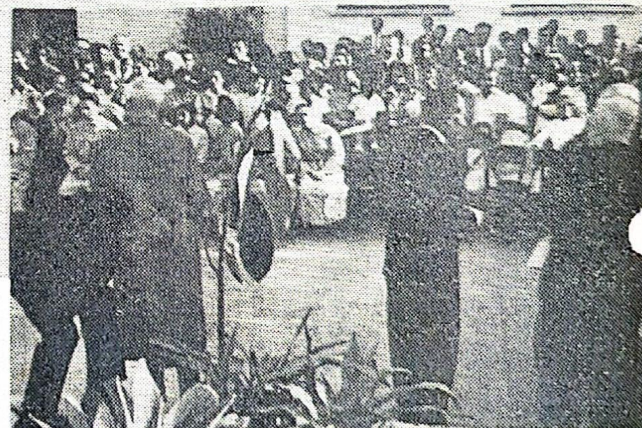
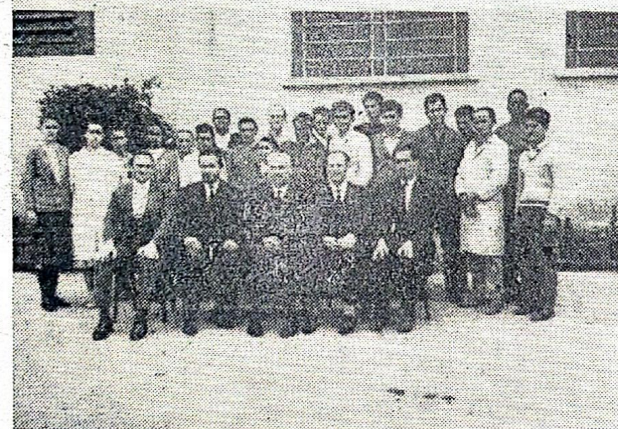
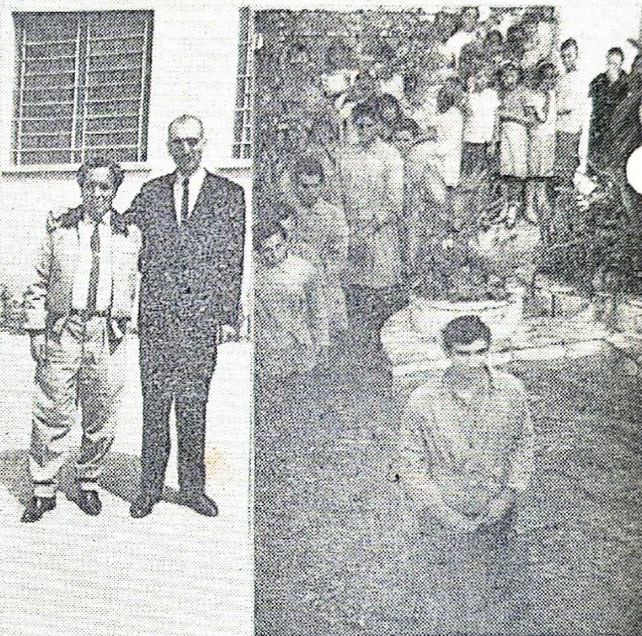
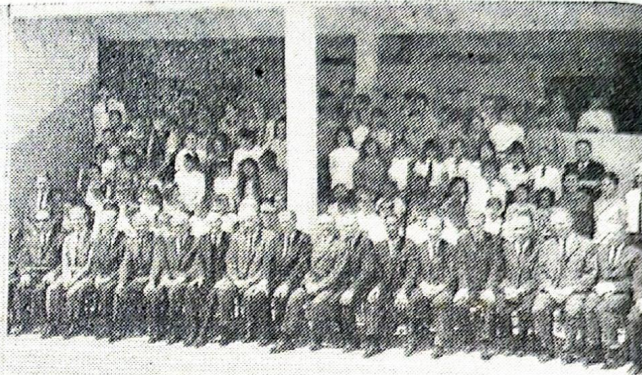
observador da verdade

à lei
e ao testemunho
is 8:20

janeiro - 1968

número especial

INFORME DA 10.ª ASSEMBLÉIA GERAL

Legenda no verso.

LEGENDA

Na página anterior:

Grupo de delegados de vários países.
Delegados da Iugoslávia, Áustria e Austrália.
Irmão T. Calzada, delegado das Filipinas.
Alguns delegados, vendo-se o irmão Francisco Devai, atual presidente da Conferência Geral.
O Quarteto "Nota Celeste" que abrilhantou as reuniões públicas.

Nesta página:

Flagrante de uma reunião pública, quando falava o pastor João Devai, de Portugal.
Os delegados na Escola Primária.
Chegada da caravana de Belo Horizonte.
O ir. C. Palazzollo ao lado de um outro irmão do Peru.
Flagrante do batismo.
Funcionários da Editôra, juntamente com alguns delegados.
Outro flagrante colhido na preparação para o batismo.

O Coral Vozes do Advento, que muito ajudou no abrilhantamento das reuniões.

Informe da 10.a Assembléia Geral

(Preparado por vários irmãos)

A todos os irmãos e amigos no Movimento de Reforma:

Saudamo-vos no amor de Cristo.

"Como água fria para uma alma cansada, tais são as boas novas de terra remota". Pv 25:25.

É com alegria nos nossos corações que vos apresentamos um relatório sôbre a DÉCIMA SESSÃO DA CONFERÊNCIA GERAL DO MOVIMENTO DE REFORMA.

Dia e noite aterrisam em S. Paulo (Viracopos) aviões procedentes do Norte e do Sul, do Este e do Oeste. Êsse grande movimento de transportes aéreos teve um interêsse especial para o Movimento de Reforma nos meses de julho e agôsto de 1967. Em fins de julho chegaram, vindos de muitas partes do mundo, membros da Comissão Executiva bem como da Comissão Conselheira da Conferência Geral. Diversos dêles já não eram estranhos à hospitalidade cristã que os aguardava da parte dos nossos irmãos brasileiros, pois já haviam assistido a uma ou duas assembléias gerais no Brasil, anteriormente, em 1955 e 1959.

É quase impossível descrever no papel os sentimentos dos dirigentes da Obra que por um curto espaço de tempo deixaram de lado o fardo das suas ocupações rotineiras, para aqui se abraçarem numa saudação fraternal, depois de anos de separação geográfica. Apesar das dificuldades linguísticas, os irmãos se entendem, de onde quer que venham, porque o espírito é o mesmo.

O que muito regozijo nos trouxe foi a troca de experiências dos diversos campos da Vinha do Senhor.

Os delegados vindos do exterior ficaram impressionados com a maneira como Deus vem abençoando a Obra do Movimento de Reforma no Brasil. O depósito de livros, cheio de publicações de variados tipos, acusa duas grandes atividades: o trabalho da casa publicadora, dirigido pelos irmãos Samuel Monteiro e Silas Devai, e a distribuição da página impressa pelos colportores. Ao sermos informados de que, nos últimos quatro anos, foram distribuídos, sòmente no Brasil, mais de 500 000 volumes contendo a nossa Mensagem, fomos empolgados de sentimentos de gratidão a Deus.

No primeiro sábado, tivemos uma surpresa agradável: Recebemos uma lista de dez igrejas existentes em S. Paulo e arredores e fomos convidados a falar às congregações na segunda hora e à tarde. Apreciamos muito o fato de que as reuniões são bem concorridas não só por um grande número de membros, mas também por muitos interessados. Também aos domingos, no culto das 20 horas, falamos ao povo, despertando nôvo interêsse.

O que muito abrilhantou nossas reuniões foi a contribuição do Coral "Vozes do Advento", dirigido pelo irmão Josué Gouveia, e dos conjuntos musicais masculino e feminino sob direção do mesmo irmão, bem como do quarteto "Nota Celeste" e de um conjunto instrumental.

A Reunião do Conselho

A Comissão Conselheira iniciou seu trabalho no dia 1.º de agôsto, e seus componentes, que eram os presidentes das Uniões e dos Campos, estavam tão ocupados que só poucas vêzes eram vistos pelo quintal. Tiveram que considerar problemas dos quatro cantos da Terra e preparar a agenda para a sessão da delegação em perspectiva. Como todos poderão compreender, êles necessitariam realizar reuniões mais freqüentes, o que, todavia, não é possível, dadas as enormes despesas que tais ajuntamentos acarretariam. O trabalho dos membros do Conselho continuou até o início da sessão dos delegados.

A Assembléia dos Delegados

A maioria dos delegados pôde chegar a S. Paulo antes do sábado, 12 de agôsto.

Estávamos em pleno inverno. Fazia um pouco de frio, mas, em compensação, havia bastante sol.

Tôdas as providências necessárias para receber os delegados no ato do desembarque, tanto nos aeroportos de Congonhas e Viracopos, como no pôrto de Santos, tinham sido tomadas. Só quem já esteve num país estranho, sem o conhecimento da língua ali falada, e especialmente se teve dificuldades com a sua bagagem, é que pode avaliar o quanto é bom encontrar, à sua chegada, um irmão que o esteja esperando de braços abertos. Êste problema também foi resolvido pela União Brasileira, que dispôs de vários recepcionistas capazes de falar duas ou mais línguas.

Surgiram então problemas de transporte e de acomodação que tiveram de ser resolvidos de acôrdo com as melhores conveniências e possibilidades. Tudo bem distribuído e ordenado.

Domingo, 13 de agôsto, foi aberta a sessão dos delegados, nos recintos da União Brasileira em Vila Matilde, S. Paulo, onde se encontra a padaria, a escola e a editôra.

As coisas que ocorrem no mundo foram então perdidas de vista pelos delegados, que ficaram, por assim dizer, desligados dos acontecimentos internacionais, para que pudessem absorver-se inteiramente nos assuntos da Obra de Deus. Todos estavam, agora, vivamente interessados na abertura da Sessão.

Cordiais boas vindas foram estendidas aos delegados, da parte da Conferência Geral, pelo irmão C. T. Stewart, e, da parte da União Brasileira, pelo irmão E. Laicovschi.

Ordem dos Delegados

O estabelecimento da ordem dos delegados é uma parte muito interessante que se verifica no começo da assembléia. Cada delegado apresenta sua credencial emitida pelo Campo ou pela União que o envia ao Congresso. Confirma-se o número de membros existentes em cada país, e, depois, tendo-se o total geral de membros, verifica-se se há *quorum* — ou seja, se o número de delegados presentes é legalmente suficiente para o funcionamento da assembléia — segundo os Princípios de Fé e a Constituição do Movimento de Reforma.

Esta condição foi satisfeita, e a décima Sessão da Conferência Geral foi declarada legalmente aberta para funcionar e tomar decisões em nome do inteiro corpo de crentes. Tivemos ao todo 35 delegados presentes.

Foi com tristeza nos nossos corações que precisamos registar a ausência de dois amados irmãos que haviam estado conosco nas assembléias anteriores, a saber, o irmão Bruno Hohenreiner da Áustria e o irmão Mário Linares do Peru, que a morte arrancou do nosso convívio. Outro valoroso defensor da Verdade, igualmente chamado ao descanso depois da Assembléia de 1963, foi o irmão João Bokor, um dos pioneiros da Obra nos países balcânicos. As simpatias da Delegação se estendem às famílias dêsses falecidos.

De acôrdo com a nossa praxe, antes da deposição dos cargos, os oficiais da Conferência Geral apresentaram os relatórios do seu trabalho realizado durante o quadriênio passado.

O irmão C. T. Stewart, presidente da Conferência Geral de 1963 a 1967, mostrou, no seu informe, como havia ajudado a vencer muitas dificuldades.

Com a nomeação de secretários de campo — um para a Europa e outro para a América do Sul — fêz-se para consolidar a Obra nessas partes do mundo muito mais do que se poderia ter feito doutra maneira.

O irmão Lavrik teve a responsabilidade de dirigir conferências, ajudar as Uniões e Campos europeus, aconselhar os obreiros e irmãos em geral. Em resultado, grupos inteiros tomaram posição em favor do Movimento, e novos interêsses se despertaram em muitos lugares. Foi enquanto cumpria seu dever na frente de batalha, estando longe de casa já havia muitos meses, que nosso obreiro veterano, o irmão Lavrik, sofreu forte ataque cardíaco, que quase lhe custou a vida. Damos, porém, graças a Deus, porque, depois de quase um ano de convalescença, se bem que êle não tenha podido participar integralmente na assembléia, êle pôde pelo menos cooperar com os bons conselhos tirados do depósito da sua experiência.

O irmão Laicovschi carregou o fardo da Obra nos países latino-americanos. Essa maior distribuição de responsabilidades permitiu ao irmão Stewart concentrar-se mais nos problemas administrativos da Obra mundial.

Os relatórios dos membros da Comissão Executiva foram seguidos pelos presidentes das Uniões e Campos Missionários. Fizeram-se representar, na nossa assembléia, oito Uniões e sete Campos. Os relatórios por nós recebidos e apresentados na Conferência acusam um total de aproximadamente 10 000 membros em 31-12-1966, mas sabemos que existem muito mais, se tomamos em conta aquêles países dos quais não temos relatórios. Depois da Conferência tivemos notícias com interessantes pormenores — também avantajada estatística de membros — dos nossos irmãos numa área do bloco oriental, com os quais se restabeleceram os contactos pessoais, depois de muitos anos de isolamento. Uma coisa sabemos dêsses nossos irmãos — êles "experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões; foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra" — mas permanecem fiéis à Mensagem de Reforma, pela qual estão prontos para morrer como mártires, e sua grande preocupação é saber se nós, que estamos espalhados em outros países do mundo, sob outras circunstâncias, também permanecemos leais aos Princípios que êste Movimento tem por base, desde seu início, em 1914.

Uma nova União e quatro novos Campos Missionários foram pela primeira vez representados por meio dos seus delegados: União Filipina, Campo Centro-Americano, Campo Canadense Ocidental, Campo Nigeriano, Campo Ibérico.

Cada relatório apresentado foi alvo de profundo interêsse no que dizia respeito ao incremento do número de membros e ao desenvolvimento geral. Os novos campos foram, naturalmente, postos em foco. Quando um obreiro vai a uma terra estranha, organiza grupos de crentes, constrói casas de oração, e, por sua própria vida coerente, exemplifica o poder da mensagem, põem-se em movimento uma série de círculos concêntricos de influência salutar que, irreprimìvelmente, se estendem mais e mais.

Um exemplo típico do que estamos dizendo é a atividade do irmão Palazzolo. Da Argentina êle fôra enviado para esta-

belecer a Obra na América Central, que já se achava iniciada com o interêsse despertado pelos colportores que ali tinham trabalhado. Desde sua chegada ali, êle organizou grupos aqui e acolá, e, finalmente, construiu um lindo templo na cidade de Guatemala, como testemunho da Mensagem de Reforma. Êle agora pede, com urgência, colportores aptos e abnegados.

Um firme fundamento foi também deitado para a Obra de Reforma na Ibéria com a ida do irmão João Devai para Portugal, em 1960. Ao pensarmos no forte preconceito existente contra as missões evangélicas, em Portugal e na Espanha, precisamos dizer: "Louvado seja Deus" pelo estabelecimento de diversos grupos de crentes que mantêm erguido o estandarte da Reforma naqueles países. O irmão João Devai foi inicialmente ajudado pelo irmão Francisco Devai Primo e tem agora por companheiro o irmão Artimidoro Linares.

O irmão Macdonald, que passou uns seis anos na Nigéria, África Ocidental, pôde por uma providência especial vir à assembléia, para representar seu Campo. A sede da nossa Obra ali acha-se na parte oriental do país, a qual recentemente declarou sua independência. Surgiu assim a República de Biafra. Tropas federais foram enviadas para subjugar a nascente república enquanto o govêrno federal aconselhou todos os estrangeiros a abandonar aquela região. Quase todos os brancos já tinham saído dali, quando o irmão Macdonald devia partir com destino a São Paulo, para assistir à Conferência. Êle passou pelo meio das fôrças armadas de ambos os lados, deixando a responsabilidade da Obra nas mãos de obreiros em quem êle tem confiança. Os irmãos, ali, isolados do resto do mundo, estão sofrendo muitas dificuldades produzidas pela guerra civil. O irmão Macdonald, juntamente conosco, está ansioso por receber notícias dos nossos obreiros e crentes de Biafra, os quais defendem os Princípios da Reforma desde que nosso irmão iniciou o trabalho naquelas bandas. Será necessário, impreterìvelmente, enviar outro missionário para lá, pois o irmão Macdonald estará em Sacramento, California, EE UU.

A presença do irmão Calzada, da União Filipina, foi um testemunho poderoso em favor da Obra de Deus naquele arquipélago que compreende mais de 7 000 ilhas. O irmão Calzada fôra durante muitos anos ministro consagrado na Igreja Adventista (grande), e foi por meio dêle que se despertou o interêsse pela Mensagem de Reforma nas Filipinas. Ouvimos atentos sua narração da providencial direção de Deus na Obra desde seu estabelecimento ali em 1959. Atualmente há, naquela parte, conforme novo relatório recebido no fim da Conferência, 798 membros que defendem a Verdade Presente. Também as Filipinas pedem um missionário de origem européia.

Alegramo-nos também com a presença de diversos dos nossos irmãos da Iugoslávia, através dos quais tomamos conhecimento do progresso da Obra naquele país.

Depois de apresentados e apreciados os relatórios das Uniões e dos Campos que se fizeram representar, fizemos uma das mais importantes resoluções da Conferência: um voto de louvor a Deus pelas bênçãos por Êle derramadas sôbre a Obra durante os quatro anos passados.

Aproveitamos o ensejo para informar aos nossos irmãos que as divergências entre o Campo Americano e a Conferência Geral foram sanadas nesta assembléia.

Mensagens de saudação de diversos campos, grupos e indivíduos foram lidas perante a Delegação. De especial interêsse foi uma carta dos irmãos de La Garde, França, a quem também tínhamos convidado para esta Sessão. Exprimindo seu pesar por não poderem vir, êles disseram que, com suas orações e seus melhores desejos, estariam conosco e contariam com o sucesso desta Conferência.

Estamos cientes de que os irmãos no mundo inteiro têm orado e jejuado para que Deus dirigisse tôdas as coisas nesta assembléia, a fim de que se fizesse, não a nossa vontade, mas, sim, a vontade dÊle.

Convite aos irmãos separados

Um dos mais importantes assuntos que constavam da agenda da décima sessão da Conferência Geral, era o convite que deveria ser estendido, no interêsse de uma reconciliação, aos irmãos que estão separados de nós desde a crise de 1951.

Tínhamos recebido, de diversas partes, cartas de ambos os lados, com apelos para que fizéssemos, novamente, todo esfôrço possível no sentido de convencer nossos irmãos separados sôbre a urgente necessidade de uma unificação coerente com a Bíblia, os Testemunhos e os Princípios de Fé de 1925.

Esta Delegação de 1967 endossou plenamente o relatório da Delegação de 1955, que fizera um estudo minucioso da crise de 1951 e das ações que se tornaram necessárias, da parte dos 11 delegados, para salvar a reputação do Movimento de Reforma.

Ao passo que as averiguações constantes daquele informe afirmam que a atitude dêles foi bàsicamente correta, e enquanto cremos que êles estavam certos em princípio, nunca pretendemos que êles foram infalíveis nos modos, no seu esfôrço por defender a verdade e a justiça. Contendemos, em outras palavras, que, sob aquelas circunstâncias perplexas, seus erros foram apenas acidentais (quer dizer, secundários, não importantes) e não fundamentais — como é o "cisco" em comparação com a "trave" (Mateus 7:3) — quando consideramos os graves pecados (por exemplo, a imoralidade tolerada no ministério, ver PE:103, 2TSM:238, 239; TM:427, 428) que provocaram e tornaram inevitável o protesto, e também quando tomamos em consideração os sérios erros cometidos por alguns dos dirigentes que se envolveram em novos atos de violação dos Princípios. Lembramo-nos, por exemplo, da carta de exclusão de 22 de maio de 1951, contrária a OE: 495-497 e D:331, 599; da organização separada e ilegal, feita em 23 de maio de 1951 e junho de 1952, contràriamente a 8T:236, 237, OE:485 e aos Princípios de Fé de 1925, III Parte; dos processos judiciais, em contradição com 7STB:27; etc. Êsse terrível espezinhamento dos Princípios não foi esquecido.

Na mente da Delegação não havia nenhuma dúvida de que foram exatamente essas as coisas que trouxeram a divisão no Movimento de Reforma. Todavia, nos nossos esforços por alcançar os dirigentes do grupo separado, oferecemo-nos para fechar o capítulo sôbre o passado e procuramos remover qualquer obstáculo que porventura existisse de nossa parte. Mostramos-lhes, assim, nossa boa vontade, admitindo que os 11 delegados que levantaram o protesto também fizeram algo que, de alguma maneira, contribuiu para a separação. Capazes, embora, de fazer diferença entre "camelos" e "mosquitos" (Mt 23:24), nossa obrigação perante Deus é esta: "Se tu cometeste um êrro e êles vinte, confessa êsse único êrro como se tu fôsses o maior culpado". E. G. White, Review and Herald de 16 de dezembro de 1884. Por mais insignificante que seja o êrro, é preciso confessá-lo. Pecados confessados são dívidas pagas. Dívidas pagas representam mais crédito, mais direitos adquiridos, aos olhos de Deus e da igreja.

Quando pensamos no justo protesto dos 11 delegados em 1951, não podemos deixar de lembrar-nos da necessária ação de Moisés, aceita por Deus, apesar de não livre de imperfeições humanas.

"Na sua indignação, êle (Moisés) lançou ao chão o precioso penhor de Deus, que lhe era mais caro do que a vida. Êle viu a lei quebrada pelos hebreus, e, no

seu zêlo por Deus, para eliminar o ídolo que estavam adorando, êle sacrificou as tábuas de pedra... Condena Deus a Moisés? Não, não. A grande bondade de Deus perdoa a precipitação e o zêlo de Moisés, porque tudo isso foi por causa da sua fidelidade e seu desapontamento e tristeza ao ver a evidência da apostasia de Israel diante dos seus olhos ... Deus perdoou a indiscrição e o honesto zêlo em Moisés, ao passo que considerou Aarão responsável por sua pecaminosa fraqueza e falta de integridade sob a pressão das circunstâncias". 3T:341, 342.

A falha de Moisés não pode ser cotejada com o êrro daqueles que fizeram rebelião contra Deus, na violação da Lei. Assim, também agora, no caso de 1951, nem se poderiam fazer comparações.

Todos os esforços por nós feitos anteriormente, para possibilitar uma entrevista oficial com os dirigentes do grupo separado, foram desprezados por êles. Esperávamos, contudo, que, agora, êles aceitariam nossas concessões com a mesma sinceridade com que lhas oferecemos, e que, sob estas circunstâncias, êles abririam a porta para uma palestra.

Havia uma razão especial para fazermos nôvo apêlo a êles: A Delegação fôra informada de que os irmãos separados, por meio de sua Conferência Geral, decidiram, em 1960, afastar todos os que defendiam o divórcio e o nôvo casamento, e que, finalmente, em 1966, resolveram que os ministros de moral comprometida não poderiam continuar no ministério. Fomos igualmente informados de que o irmão S. Gutknecht, que se recusara a assinar a carta de separação que "excluia" os delegados que protestaram em 1951, foi agora eleito presidente do grupo separado, e que êle não tinha apoiado os culpados de violação dos princípios em 1951. Embora nos parecesse alterada a situação, nós, todavia, nos reservávamos o direito de fazer investigações, a ver se a realidade corresponde com a nossa esperança.

A Comissão de Paz, eleita para negociar com êles, foi portanto autorizada a telefonar para o irmão Gutknecht, convidando-o a vir a esta Assembléia, para que a desejada unificação pudesse ser discutida e, se possível, concretizada. Fizemos o que estava ao nosso alcance para quebrar o preconceito nas nossas próprias fileiras, desenvolvido pelas amargas experiências colhidas durante os 16 anos passados, e procuramos estender, aos dirigentes do grupo separado, nossas boas vindas num espírito verdadeiramente fraternal. Ficamos desapontados quando vimos que o irmão Gutknecht não veio, mas saudamos os irmãos Ringelberg e Egerter, enviados no lugar dêle. Tiveram início, imediatamente, as negociações entre êsses irmãos e a nossa Comissão de Paz. O irmão Craviotto, dirigente dêles na América do Sul, também chegou logo depois e se lhes uniu nas negociações.

A firme convicção de todos os delegados era que os Princípios de Fé de 1925, e mormente o elevado padrão moral do ministério, deveria ser a primeira base para a unificação em perspectiva, e também que os direitos do povo fôssem respeitados. Todos devem, naturalmente, conhecer as razões das nossas exigências nesse sentido. Exigimos igualmente que as propriedades da Obra que estão em nomes particulares fôssem transferidas para o nome registrado da igreja. Além disso, os delegados estavam convictos de que, para uma unificação real e final, era necessário convocar uma Conferência Geral especial, com representantes do inteiro corpo de crentes (AA:96), de ambos os lados, livre e corretamente eleitos pelo povo, como determinado pelos Testemunhos (8T: 236, 237), pelos Princípios de Fé de 1925 e pela Constituição registrada em 1949.

Um Concílio Geral desta natureza não poderia ser convocado imediatamente, pelo que os delegados sugeriram que se fizesse uma provisão temporária, que valesse para o tempo de expectativa da solução final.

Se bem que seja um fato que nós estamos com a maioria de membros, e embora, de acôrdo com a ordem do evangelho (5T: 107), a autoridade esteja com a maioria da igreja, a Delegação, por amor à paz, e na esperança da união, estava pronta para conceder aos nossos irmãos separados, que representam apenas uma minoria do povo, direitos iguais na discutida organização provisória. E os delegados fizeram mais uma concessão quando se mostraram dispostos a aceitar o próprio presidente dêles, o irmão Gutknecht, e sua Comissão Executiva, aumentada com igual número de membros do nosso lado, eleitos nesta Sessão. Essa Comissão amplificada, que resultaria da fusão das duas Comissões, com um dos nossos dirigentes como vice-presidente, deveria ser, conforme sugerido, a reconhecida autoridade do Movimento de Reforma unificado, até que se pudesse realizar a proposta assembléia geral de delegados de ambos os lados.

As negociações se dilataram e, nos nossos esforços por satisfazer as exigências dos irmãos separados, postergamos a nomeação de oficiais para o nôvo período. Mostramo-nos dispostos, também, a fazer as eleições na presença do irmão Gutknecht. E até oferecemos pagar-lhe a passagem. Mas êle não veio.

Finalmente, como já se havia esgotado o tempo máximo em que os delegados podiam permanecer em sessão, e como diversos dêles já tinham que voltar para seus campos de trabalho, fizemos as nomeações, tendo em vista, ainda, uma possível unificação. Tomamos, em seguida, o derradeiro passo na eleição dos oficiais, e, novamente, fizemos provisão para a formação da "Comissão Executiva amplificada", que mencionamos atrás.

A nova Comissão Executiva, eleita condicionalmente, recebeu, dos delegados que estavam de partida, autoridade para concluir um acôrdo com os irmãos separados, dentro dos limites das concessões estipuladas por resolução da Delegação. Assim, a Comissão continuou as negociações com os irmãos Ringelberg, Egerter e Craviotto, mas logo se tornou evidente que êles tinham firmado suas estacas nas suas velhas exigências, das quais não queriam mover-se.

Ficamos muito desapontados e tristes quando verificamos que os irmãos separados ainda mantêm a velha pretensão: que *êles sòzinhos* são a única organização e Conferência Geral oficial e legal, que nós nada temos que ver com a formação da Conferência Geral, e que, por amor à paz e à união, nós devemos confessar, dissolver-nos, render-nos a êles e entregar tudo às suas mãos, porque *êles* são os donos da igreja, que só existe onde *êles* estão.

Na sua revista *Sabbatwaechter und Herold der Reformation*, de 1.º de setembro de 1967, o próprio presidente do grupo separado, irmão Gutknecht, dá os "motivos" da sua rejeição dos nossos convites e apelos. Sem pensar em dar ouvidos à voz do inteiro corpo de crentes, que é a máxima autoridade de Deus na Terra (3T: 451), e sem depender das decisões de um concílio geral, que Deus instituiu para resolver os maiores problemas (AA:96), êle mesmo, com os que lhe apoiam as idéias, acredita poder arranjar a solução. A si mesmo êle se coloca na posição de Neemias, e a nós êle nos põe na condição de Sambalate e Tobias.

"Depois que as ameaças de Sambalate ficaram sem efeito", escreve êle, "e confiando Neemias destemidamente em Deus, sabendo que esta é a obra de Deus, procura Sambalate realizar seu plano ardiloso por meio de propostas de paz. Quatro vêzes êle envia mensageiros com a amistosa súplica: 'Vem; congreguemo-nos juntamente no vale e aconselhemo-nos. Vamos unir-nos e fazer a obra em conjunto'. Neemias, ao ouvir o sedutor chamando 'Vem', não se deixa deter do seu trabalho ... O ôlho ungido de Neemias vê através de todos os astuciosos planos dos seus inimigos, e êle, juntamente com seu povo, não se deixa atrair para qualquer arma-

dilha... Êsse apêlo deveria despertar a impressão de que Sambalate teria mudado sua atitude hostil e queria agora fazer a paz...

"O maior perigo dos nossos dias é exatamente êste: A unificação à custa da verdade. Ceder quando se deve permanecer inflexível. Fazer ajustes (ou acomodações) onde o preceito do momento exige distinta linha divisória e separação. Não é possível unir a luz com as trevas. O azeite e a água não se deixarão misturar. Onde se trata de uma negação da verdade e da igreja de Deus, faz-se valer, como no caso de Neemias, um decidido 'Não'. A unificação só é possível no terreno da eterna verdade de Deus. Para êste fundamento devem voltar aquêles que dêle se afastaram. Quem sai da igreja de Deus, deve retornar a ela, humilde e arrependido, se quer alcançar graça aos olhos de Deus..."

Na sua não pequena presunção, os irmãos separados virtualmente ensinam que *êles sòzinhos*, embora sejam a minoria, são a igreja, e que nós, que somos a grande maioria do povo, organizado desde antes de 1951, não fazemos nem podemos fazer parte da igreja a não ser com o consentimento dêles, em cujas mãos, exclusivamente, está a chave do reino dos céus. Como porteiros, pretendem ter o monopólio da graça, do Espírito Santo e de Cristo. Bastou discordamos dêles (que são poucos) para que nos repudiassem a nós (que somos muitos), declarando-nos desligados da igreja, como se fôsse bíblica a idéia de um braço ou uma perna rejeitar o resto do corpo (ler I Co 12:12, 21-27). Como minoria, acham que têm autoridade sôbre a maioria, embora esta, e sòmente esta, esteja rigorosamente em harmonia com a Bíblia, com os Testemunhos e com os Princípios de Fé.

Conhecem a história de Neemias e Sambalate, e fazem aplicações (ou inversões?) a seu bel prazer, mas parece ignorarem a passagem que diz: "Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são êstes dominados, e que os grandes exercem autoridade sôbre êles. Não será assim entre vós; mas todo aquêle que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal". (Mt 20:25, 26).

Colocando-se a si mesmos na posição do Pai, citam o arrependimento e retôrno do filho pródigo, como sendo o único caminho pelo qual nós poderemos alcançar graça aos olhos dêles, no interêsse de uma unificação. Tudo indica que para êles não existe a passagem que reza: "Todos vós sois irmãos"; "a ninguém na terra chameis vosso pai"; "Não queirais ser chamados Rabi"; etc. (Mt 23:8, 9).

Em 1948 e 1949 teve que ser disciplinado um grupo de dirigentes rebeldes, que ficaram conhecidos como "os irmãos de Denver". Um dêles escreveu em 22 de junho de 1951, condenando os irmãos K-M-R, etc.:

"Seria um crime unirmo-nos com êsses homens... Caso, porém, mudem e se arrependam, então a porta lhes está aberta para a recepção na igreja..." — J. Adamczack.

A êsse grupo de rebeldes, os irmãos K-M-R, em junho de 1952, se renderam, depois de ter o irmão K exprimido sua convicção a respeito dêles, numa circular que todos deveriam ler, datada de 18-4-1949. E não sòmente isso. "Receberam também o espírito dêles", declarou o ir. Kanyo, numa reunião de obreiros, em 1962 pois que passaram a considerar-se *êles sòzinhos* a "igreja", a "porta", etc., presumindo poder repudiar e declarar excluída a grande maioria do povo, que não lhes aprova as pretensões. Fazem como os rebeldes de Denver. Vejam, por exemplo, o que escreveram depois da Assembléia Geral de agôsto-outubro de 1967, na tentativa de justificar sua rejeição dos nossos apelos e esforços em prol de uma unificação. Considerem como procuram legitimar seu espírito de independência, seu facciosismo, seu separatismo, seu exclusivismo, sua pretensão à supremacia, seu suposto direito de exercer domínio,

poder, contrôle, etc., sôbre o povo de Deus. Observem como êles, por arbitrário decreto, querem ver fora da igreja qualquer maioria do povo que não se renda inquestionàvelmente à "autoridade" que êles pretendem ter sôbre a herança do Senhor. Meditem como uns poucos homens (que são êles) querem "cavalgar" sôbre os muitos (que somos nós), e nos consideram "rebeldes" se, em base da Bíblia e dos Testemunhos, nos recusamos a reconhecê-los como nossos dominadores, senhores ou patrões, antes lhes fazemos apelos no sentido de sermos conselheiros e cooperadores uns dos outros e marchamos juntos, lado a lado, como co-obreiros, em pé de igualdade. Êles até se colocam na posição de Deus. Vejam só o que escrevem para dizer por que motivo não aceitaram reconciliação conosco:

"É possível uma união com 'direitos iguais'?

"Conforme expressões dos principais dirigentes do movimento rebelde, a união só poderia se concretizar tendo por base 'direitos iguais, não havendo vencedor nem vencido'.

"Mas isto é um grande absurdo, que não pode ter cabimento na mente de um cristão consciente de seus atos. Reconciliação com igualdade de direitos entre a Igreja de Cristo e a rebelião, é algo contrário à vontade de Deus e à razão, e seria o mesmo que tirar a Deus uma parte de Sua autoridade e dá-la a Satanás, para estabelecer igualdade de direitos; mas isto jamais se poderia efetuar. Semelhantemente, não podemos tirar à Igreja de Cristo uma parte de sua autoridade e concedê-la à rebelião, com o objetivo de estabelecer direitos iguais e fazer uma reconciliação como a que pedem os dirigentes do movimento de 1951".

Os irmãos separados se esqueceram de que o que êles pensam a nosso respeito, é exatamente o que nós vamos pensar a respeito dêles. (Mt 7:1, 2, 12).

Para êles, a "igreja" não é, como diz o Espírito de Profecia, a totalidade dos cristãos fiéis (AA:11, 550; TM:422; 7BC: 985; 8T:174; etc.); "igreja" é, antes, um têrmo que êles aplicam restritamente a uma classe privilegiada, dominante, que êles mesmos pretendem ser, no meio do povo de Deus. Isso que êles querem é uma espécie de aristocracia, que não pode existir no reino de Deus (AA:20), onde prevalece o princípio da equidade (CS: 133, 146).

"O preço do sangue do unigênito Filho de Deus foi pago por todos os homens, sendo, pois, necessário lidar honestamente, com *equidade,* com cada homem, a fim de executar os princípios da lei de Deus". CS:146.

Todos devem saber que "equidade" é "justiça natural que reconhece a cada um *direitos iguais*" (dicionário).

A equidade envolve a igualdade, a imparcialidade, a condição em que uma parte não seja favorecida em desfavor da outra parte.

"Quem não está ativamente empenhado em promover o amor, a união e a *equidade,* está a exercer uma influência contrária a Cristo". 2STB:44.

Cristo não fêz as distinções que os irmãos separados pretendem fazer, sob pretextos que não têm a confirmação da igreja, nem os colocou a êles na cadeira de juízes e a nós na cadeira de réus (AA:276; TM:293, 294). Nem delegou "qualquer autoridade especial a um dos discípulos de preferência aos outros" (D:311). O princípio básico do Evangelho — "todos vós sois irmãos" (Mt 23:8) — significa que não há "primeiro nem último", sendo "todos um com Cristo, *igualmente*" (MS 28, 1897). "Cristo ... deitou o fundamento para uma religião pela qual judeus e gentios, pretos e brancos, livres e servos, estão ligados numa só fraternidade comum, reconhecida como *igual* aos olhos de Deus". 7T:225.

"No Céu todos os homens estão em pé de igualdade". CS:133.

Por isso, se os irmãos do grupo de Speele, que precisariam ser julgados por

seus atos, querem tornar-se juízes em causa própria e pronunciar sentenças sôbre os outros, sem estarem autorizados a assim fazer, quer por Deus, quer pela "totalidade" (4T:16) ou pela "maioria da igreja" (5T:107), que é depositária da autoridade, então devemos saber que seu veredito recai sôbre êles mesmos. "Ao condenarem outros, estão sentenciando-se a si mesmos; e Deus declara justa esta sentença. Êle aceita o veredito dêles próprios contra si". MDC:108. "Bom seria que tais juízes, que a si mesmos se constituem, ponderassem estas palavras de Cristo: 'Com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós'. Mt 7:2". PP:670. Não podemos ser juízes dos outros, mas uma coisa podemos fazer: devolver-lhes a sentença. Se, pois, houve rebelião, saibam todos que foi contra a "totalidade" (4T:16) ou contra a "maioria da igreja", a quem de fato pertence a autoridade (5T:107).

O que os irmãos separados pretendem sôbre a tal "autoridade", não cabe numa mente cristã sadia, pois em nenhuma parte encontramos escrito que a autoridade deva pertencer ou a um cabeça, ou a uma panelinha ou à minoria da igreja. Por isso mesmo, nada lhes pedimos. Quem tem para dar não pede àquele que não possui, que é orgulhoso demais para aceitar e que, se tivesse, seria demasiado egoista para repartir.

Não obstante, não os tratamos como êles sempre nos trataram. Nada exigimos dêles; antes, ao contrário, oferecemos a êles igualdade de direitos, e fomos além disso, quando lhes estendemos outras vantagens, como, por exemplo, a própria aceitação do presidente e da comissão dêles.

Fizemos-lhes tôdas essas concessões, que êles orgulhosamente desprezaram, embora estejamos cônscios de que, conforme diz o Espírito de Profecia, devemos estar "sujeitos à santificada inteligência da totalidade" (4T:16), e que, quando há uma controvérsia, "a maioria da igreja é a autoridade" (5T:107) para decidir, sendo que nós sempre fomos a grande maioria do povo, que é a detentora da autoridade. "A voz de Deus em Seu povo unido em igreja, é o que se deve respeitar". (3T: 451). Seríamos, sim, rebeldes, se não respeitássemos *essa* autoridade. Devemos estar sujeitos, no govêrno da igreja, "à voz de Deus em Seu povo" e não ao capricho, ou opinião, ou juízo "de um homem ou de um pequeno grupo de homens" (3TSM: 408), que tenham a pretensão de compor uma espécie de "Sinédrio", a que erradamente dão o nome de "Conferência Geral", para exercer "sua autoridade dominando os homens segundo sua vontade" (TM: 361), e tudo isso sem a aprovação da "totalidade" (4T:16), ou, pelo menos, da "maioria" (5T:107) do povo de Deus. Com o exercício de uma autoridade assim, usurpada e arbitrária, "as almas por quem Cristo deu a vida, a fim de libertá-las da servidão de Satanás", são "colocadas de outra forma em sujeição a êle". (TM:361). Leiam todos o que está escrito nos Testemunhos.

Os irmãos separados se esqueceram, também, de que um "ungido do Senhor", a exemplo de Saul, pode levantar-se em rebelião contra o Céu, por agir contràriamente à Palavra de Deus, caso em que se tornam rebeldes, juntamente com êle, todos os que lhe obedecem.

O falso princípio de autoridade que os irmãos separados advogam, como doutrina, é uma perigosíssima forma de "romanismo" (TM:362; 7T:181), pior que muitas outras apostasias. Adiante tocamos de leve nessa questão, citando alguns testemunhos.

O trecho que êles aduzem, de PP:712, tem aplicação contra êles mesmos, porque são êles os que sempre têm acusado os servos de Deus, conforme pilhas de provas em nosso poder.

Antes que os irmãos Ringelberg e Egerter embarcassem de regresso, fizemos um apêlo final a êles. Pedimos-lhes que, se achavam que não podiam concordar em

fazer união completa conosco agora, concordassem em assinar conosco pelo menos um tratado de não-agressão ou algo semelhante. Nossos delegados já tinham preparado um documento para êsse fim, e já o haviam assinado de boa vontade, para que o mesmo pudesse entrar em vigor tão pronto os dirigentes do grupo separado também o firmassem. Então, como qualquer outro acôrdo, êsse "Convênio de Unificação" obrigaria ambas as partes. Lamentamos ter de informar, contudo, que êles categòricamente se recusaram a assiná-lo. E, quando sugerimos que, como alternativa, êles elaborassem um documento semelhante, êles responderam com nova recusa. Assim sendo, nenhum dos dois lados está obrigado por um contrato.

O testemunho desta Delegação é uma evidência suficiente de que nós fomos além dos nossos limites, buscando humilde e sinceramente uma reconciliação com os nossos irmãos separados. Seríamos infiéis a Deus e desleais para com a confiança em nós depositada pelo nosso povo em todo o mundo, se tivéssemos aceitado as pretensões daqueles irmãos ou mesmo se tivéssemos ido um passo além do que fomos. Agora só podemos colocar êsse problema, novamente, nas mãos de Deus, e confiar em que Êle, segundo a Sua vontade, há-de unir em um só aprisco os crentes fiéis na Mensagem de Reforma, concedendo-lhes Seu Santo Espírito.

A profecia diz com respeito ao Movimento de Reforma: "Permiti-me dizer-vos que o Senhor trabalhará nesta última obra de um modo muito fora da comum ordem de coisas e de um modo que será contrário a qualquer planejamento humano. Haverá entre nós os que sempre desejarão dominar a obra de Deus, para ditar até que movimentos se farão, quando a obra avançar sob a direção do anjo que se une ao terceiro anjo na mensagem a ser dada ao mundo. Deus usará maneiras e meios pelos quais se verá que Êle está tomando as rédeas em Suas próprias mãos". TM:300. Os fatos mostram que exatamente isso tem acontecido.

De nossa parte, desejamos viver em paz com êsses irmãos; porém, se continuarem atacando nossos membros, como têm sido sua prática até aqui, então exerceremos nossos direitos e cumpriremos nosso dever no sentido de defender nosso povo com a Verdade, e usaremos tôdas as evidências coerentes com a justiça, para escudá-los contra o perigo do engano.

Em ligação com a posição tomada pelos delegados nesta décima assembléia, submetemos os seguintes pontos para informação dos irmãos:

1. Um punhado de dirigentes, juntamente com uma fração minoritária da igreja, não pode ser "a Conferência Geral", nem pode falar em nome da Conferência Geral. Ver Princípios de Fé de 1925, Parte III; 3TSM:408, 409; 8T:236, 237. Devemos guardar-nos de perigosos erros e heresias doutrinárias. Por isso dissemos aos irmãos separados que ambas as partes, nós e êles, em conjunto, seremos, sim, a Conferência Geral, mùtuamente formada e reconhecida pelo inteiro corpo de crentes.

2. Qualquer homem ou grupo de homens que pretenda estar revestido de "autoridade suprema", ou ter "poder sôbre a igreja de Cristo", ou ser "a cabeça da igreja", ou coisa equivalente (C:50, 51), principalmente se está apoiado na minoria do povo, tem uma concepção errada do princípio da autoridade (D:311, 409; 3T:492, 493, 450, 451; 4T:16; 5T:107; 8T:236, 237; 3TSM:408, 409; PE:97-100; C:596; TM:76, 347, 349, 359-364; etc.).

3. Mesmo os mais altos dirigentes, legalmente eleitos como tais, não têm autoridade sôbre a igreja; devem, isso sim, submeter-se à mente da totalidade e "trabalhar em harmonia com as decisões tomadas pelo corpo geral de crentes reunidos em concílio". (AA:199).

4. A união é possível — "os membros da igreja de Cristo devem estar uni-

dos num corpo simétrico" — mas isso só acontece quando todos são "sujeitos à santificada inteligência da totalidade" (4T: 16), não havendo "nenhuma contenda pela supremacia". (1ME:175).

5. A união em Cristo é impossível com aquêles que são possuídos do espírito de supremacia (D:326, 327). Os que mantêm ou de alguma maneira justificam êsse espírito, estão, o que quer que aleguem, trabalhando pela desunião.

6. "O segrêdo da unidade encontra-se na igualdade entre os crentes em Cristo. A razão de tôdas as divisões, discórdias e diferenças encontra-se na separação de Cristo". (1ME:259).

O Espírito de Profecia é muito claro: Onde não há "separação de Cristo", há "igualdade entre os crentes em Cristo". As distinções que alguns querem fazer são estranhas ao reino de Cristo (D:311, 326, 327, 408, 409, 486), em que prevalece o princípio da igualdade de direitos.

Continuação dos Relatórios das Comissões

A natureza e importância dos esforços unionistas não permite que apresentemos uma narração mui restrita sôbre o assunto; por isso ocupamos várias páginas. Não queremos, porém, que nosso povo pense que êsse era o único negócio importante da sessão dos delegados. Não apenas a Comissão de Paz, mas também as outras comissões trabalharam.

A Comissão de Nomeação

A Comissão de Nomeação tinha a seu cargo a elaboração da lista dos oficiais recomendados para o nôvo quadriênio e também as recomendações para a transferência de obreiros. Também receberam a incumbência de considerar as credenciais, e, bem assim, os planos para o programa missionário e ser executado nestes quatro anos que estão diante de nós.

A Comissão dos Estatutos

Como o nome indica, essa comissão recebeu a incumbência de revisar os Estatutos da Conferência Geral e sugerir melhoramentos que correspondam com o progresso da Obra. Primeiramente, porém, precisaram revisar a Constituição na qual estão baseados os Estatutos. A muitos dos membros da igreja, a Constituição e os Estatutos podem parecer de somenos importância, mas, na realidade, são essenciais à boa ordem e à administração eficaz. A operação bem sucedida do sistema de organização, desde as igrejas locais até a Conferência Geral, depende, em larga escala, dêsses regulamentos administrativos, os quais, por isso, devem ser aperfeiçoados mais e mais.

O Manual da Igreja

Nossos ministros e oficiais das igrejas estarão especialmente interessados em saber que foi apresentado à Delegação um projeto do "Manual da Igreja", e resolveu-se imprimi-lo, para uso provisório, até a próxima sessão da Conferência Geral, quando o mesmo virá à balha, novamente, para revisão e aprovação final.

Comissão de Finanças

Essa comissão foi incumbida de considerar os relatórios do tesoureiro e fazer recomendações sôbre certo número de problemas financeiros que reclamavam solução.

Aumentada com o acréscimo de mais alguns membros, essa comissão, que passou a chamar-se Comissão de Finanças e Pensões, teve que considerar, depois, o urgente problema dos obreiros idosos que necessitam ser aposentados. Surgiu, assim, um esquema geral de aposentadoria. Ao passo que em algumas Uniões já existem planos ou decisões nesse sentido, em outras ainda não. Por isso, o plano geral proposto por essa comissão atinge não

apenas a Conferência Geral mas também as Uniões e os Campos Missionários, com as alterações que se fizerem necessárias de acôrdo com as circunstâncias.

Reuniões no Rio de Janeiro

Nessa linda cidade mundialmente famosa por suas atrações turísticas, os delegados participaram de uma série de reuniões em princípios de setembro. O que lhes despertou a atenção, especialmente, foi o fato de que temos ali, naquela cidade e nos arredores, uma igreja central, grande, e quatro igrejas menores. A igreja central do Rio é considerada a maior igreja do Movimento de Reforma.

Sexta-feira, dia 1.º de setembro, a maioria dos delegados viajaram para o Rio, onde receberam mui cordiais boas--vindas da parte dos crentes que ali chegaram para assistir às reuniões. Passamos um fim de semana feliz, em companhia dos irmãos.

Nossos membros e amigos tiveram o prazer de ouvir importantes experiências diretamente dos dirigentes do Movimento de Reforma em várias partes do mundo.

Segunda-feira cedo tivemos que dizer adeus a todos e voltar a S. Paulo para continuar a sessão dos delegados.

Quando ainda estávamos no Rio, recebemos uma triste notícia do Canadá: o falecimento da irmã K. Unrau, aos 79 anos de idade. O casal Unrau figura entre os pioneiros (2%) do Movimento de Reforma. Foi especialmente pelos abençoados esforços dêles que a Mensagem de Reforma teve difusão na Rússia. Êle havia sido pastor consagrado da Igreja Adventista (grande). Quando a mão da intolerância religiosa se fêz sentir sôbre os reformistas naquele país, o irmão Unrau selou seu testemunho com o seu sangue, morrendo a gloriosa morte de mártir. Êle descansou dos seus trabalhos, mas as suas obras o seguiram, pois a semente da Verdade se multiplicou, regada com o sangue das testemunhas fiéis. A própria irmã Unrau continuou muito ativa, e, nos últimos dias da sua vida, ainda escrevia inúmeras cartas encorajadoras aos irmãos espalhados nas distintas partes do mundo. Dia 2 de setembro, na véspera da sua morte, ela ainda falou na igreja. Dirigiu aos crentes palavras de confiança nas mui seguras promessas de Deus e chamou-lhes a atenção, especialmente, para a breve segunda vinda de Cristo. Entre os demais amados que dormiram no Senhor, fiéis à Tríplice Mensagem Angélica, esperamos ver também o irmão e a irmã Unrau na gloriosa manhã da ressurreição.

Reuniões em S. Paulo

Não podemos encerrar esta parte do nosso relatório sem falarmos nos números musicais que serviram de bênção para aquêle ajuntamento. Oxalá que Deus, que é riquíssimo em graça e misericórdia, recompense aquêles que tanto se esforçaram para nos alegrar com esta arte de origem celestial, que é a música!

Oficiais da Conferência Geral

Foram eleitos, para os próximos quatro anos, os seguintes irmãos para os diversos cargos:

Presidente: Ir. Francisco Devai (presidente da União Sul por ocasião da eleição)

Vice-presidente: Ir. Ivan W. Smith (presidente da União Sul-africana)

Secretário-tesoureiro: Ir. Alex N. Macdonald

Comissão Executiva: Os três oficiais acima juntamente com os irmãos E. Laicovschi, W. Volpp, L. Ciric, C. P. Haynes. Suplente: I. C. Palazzolo.

A Mais Importante Decisão

No dia 8 de setembro, estando presentes apenas 27 delegados, fizemos um voto sagrado e assumimos um compromisso solene: que todos havemos de perma-

necer unidos, trabalhando em harmonia pelo avançamento desta grande Obra que Deus confiou às nossas mãos.

Cheios de ânimo no Senhor, prosseguiremos avançando no mesmo caminho no qual vimos fazendo progressos desde o início dêste Movimento em 1914. Até hoje, graças ao bom Deus, em tudo permanecemos onde estávamos antes de 1951. Nenhum desvio para a direita ou para a esquerda. Não reconhecemos nenhum outro movimento de reforma; antes continuamos convictos de que ainda somos e sempre seremos o mesmo velho Movimento de Reforma, original, registrado em 1949, com os mesmos Princípios de Fé de 1925, adotados tanto na teoria como na prática, os quais nos distinguem como um povo peculiar neste mundo, e em base dos quais se vêem em nosso meio os bons frutos do Espírito.

Por isso dizemos com a irmã White:

"Deus tem na Terra uma igreja que está erguendo a lei pisada a pés, e apresentando aos homens o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo...

"No mundo só existe uma igreja que presentemente se acha na brecha, tapando o muro e restaurando os lugares assolados...

"Tem Deus agentes divinamente designados... Unam-se todos a êsses agentes escolhidos, e sejam afinal encontrados entre os que têm a paciência dos santos, guardam os mandamentos de Deus, e têm a fé de Jesus". TM:50, 58.

Esta igreja, à qual pertencemos desde a nossa conversão, e na qual hemos recebido tantas bênçãos, não temos nenhuma intenção e nenhum motivo para a abandonar, e dentro dela sempre temos reconhecido aos irmãos separados os mesmos direitos que para nós reservamos. Não tente ninguém, como no passado já tentaram, inùtilmente, "despejar-nos" desta casa, simbòlicamente falando. Dela recusamos sair, porque ela sempre foi e ainda é nossa, bem nossa, e também daqueles que, aceitando os mesmos Princípios de Fé, quiserem fazer parte conosco.

Como já informamos atrás, os delegados sofreram grande desapontamento ao verem que nossos sinceros esforços em prol da união foram novamente desprezados pelos dirigentes dos irmãos separados. Desde o comêço vínhamos orando a Deus para que Êle ajudasse Seu povo. Todos nós buscamos o Senhor, com jejum e oração, para que Êle movesse os corações dos irmãos e pusesse têrmo às dificuldades. Não nos esquecemos, contudo, de que as nossas orações estão sujeitas a esta condição: "Seja feita, ó Pai, não a nossa vontade, mas a Tua vontade!"

Nas nossas esperanças frustradas, lembramo-nos das instruções dadas pelo Senhor aos Seus filhos nos dias de Reoboão e Jeroboão. O povo queria, à fôrça, proceder à reunificação. Não era, porém, do plano de Deus que tornassem a unir-se naquela ocasião. Com respeito à separação, o Senhor mandou dizer-lhes: "De Mim proveio isto" (II Cr 11:4); "Eu é que fiz esta obra" (I Rs 12:24). Não nos pertence conhecer todos os planos do Infinito. Por isso, devemos, também neste caso, andar inteiramente pela fé, e confiar em que o Altíssimo há-de executar os Seus propósitos, no seu tempo e pela sua maneira. De nossa parte, estamos com a consciência tranqüila, convictos de que fizemos mais do que podíamos e devíamos fazer. Agora, entregamos o caso inteiramente nas mãos do Senhor e confiamos nas Suas providências.

Tendo também êsse fim em vista, os irmãos aqui decidiram reconsagrar-se a Deus como os servos do Altíssimo fizeram no passado (II Cr 15:1-15), e apelam a todos os ministros e obreiros para que se lhes unam no propósito de buscar a Deus de todo o coração, a fim de que em nós nada permaneça que impeça a operação do Espírito Santo em nosso meio, de maneira mais visível. E decidiram também que, depois disso, deverá ser dirigido o

mesmo apêlo a tôdas as nossas igrejas, para que participem do nosso propósito de buscar uma consagração mais profunda. Tôdas as coisas deverão ser examinadas, e o que quer que haja de objetável deverá ser afastado, para que o arraial seja completamente purificado (Gn 35:2). Só quando fizermos isso é que o Senhor poderá abençoar-nos em rica medida.

Irmãos, irmãs e amigos em todo o mundo: Em nome do Senhor vos pedimos que vos unais conosco nesta obra que nós não podemos fazer por vós nem vós por nós. Cada qual só pode fazê-la por si mesmo, e nós já a estamos fazendo. Não devemos contentar-nos com seguir o Senhor "de longe". Sigamo-lO de perto: "Vinde, e tornemos para o Senhor, porque Êle despedaçou, e nos sarará; fêz a ferida, e a ligará". Os 6:1.

Pensávamos que, se estivéssemos todos unidos sôbre uma base legítima (1ME: 175), poderíamos desde já oferecer ao inimigo uma frente unida e executar a Obra do Senhor mais eficazmente. Mas o relatório de Gideão (Jz 7:2) ainda nos serve de admoestação. É assim que muitos estão convictos de que nossa primeira necessidade é a de andarmos em mais íntima comunhão com o nosso Mestre, para que Êle possa dar-nos vitórias sôbre vitórias, e tôda honra e glória sejam tributadas sòmente a Êle.

Todos são, pois, convidados a reclamar conosco as promessas do Altíssimo: "E buscar-Me-eis, e Me achareis, quando Me buscardes de todo o vosso coração". Jr 29:13. "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Rm 8:31.

"O universo celeste aguarda instrumentos consagrados por meio dos quais Deus possa comunicar-Se com Seu povo, e por meio dêle com o mundo". 1ME:117.

"Oh, que todos se arrependessem e fizessem as primeiras obras! Quando as igrejas isto fizerem, amarão a Deus supremamente e ao próximo como a si mesmo. Efraim não invejará a Judá, e Judá não molestará a Efraim. Serão então sanadas as divisões, não mais se ouvirão nas fronteiras de Israel os sons ásperos da contenda. Pela graça concedida livremente por Deus, todos procurarão atender à oração de Cristo, de que Seus discípulos sejam um, como Êle e o Pai são um... Na unidade da igreja de Cristo ficará provado que Deus enviou ao mundo Seu Filho unigênito". 1ME:385.

A UNIÃO...

Cont. da pág. 19

5. Quando ninguém tem pretensão à supremacia (1ME:175; 6T:401; MS 28, 1897; etc.);

6. Quando há igualdade de direitos (T:128; MS 28, 1897; 1ME:259; 8T:174; etc.);

7. Quando há simetria no corpo (4T:16), isto é, quando há "um arranjo em que as partes iguais sejam dispostas de modo igual no conjunto" (dicionário);

8. Quando todos são "sujeitos à santificada inteligência da totalidade" (4T: 16) ou da "maioria da igreja" (5T:107);

9. Quando a ordem evangélica é observada, não pretendendo ninguém sair ao campo como dirigente "sem ser reconhecido pela igreja ou pelos irmãos em geral" (1T:210; PE:97);

10. Quando nenhum pequeno grupo de homens nega a voz de Deus ao pretenderem, êles sòzinhos, resolver, à sua maneira, os grandes problemas que afetam a totalidade e que devem naturalmente ser "encaminhados a um concílio geral de todo o conjunto de crentes, constituído de delegados" (AA:96), e quando nenhuma companhia forma uma confederação com o propósito de tomar a Obra em suas próprias mãos, independentemente dos demais obreiros na Causa (2SM:374).

A União Entre o Povo de Deus

Em benefício daqueles que, nos Testemunhos, só sabem ler passagens que falam da união, e não encontram os textos que advertem contra uma união falsa e proibida, desejamos esclarecer que, no plano de Deus, não há unificação incondicional. Muitas vêzes os adventistas da igreja grande nos perguntam por que nós, reformistas, não nos unimos a êles, de vez que a união da igreja é uma das notas tônicas na Bíblia e nos Testemunhos. Respondemos-lhes então com as seguintes advertências:

"Cristo pede unidade; não pede, porém, que nos unifiquemos em práticas errôneas". 1ME:175.

"Não devemos ligar-nos com aquêles que não são sábios para discernir a vontade de Deus". — Loma Linda Messages, pg. 185.

"Unirmo-nos com os que não são consagrados, e ainda assim permanecermos leais à Verdade, é coisa simplesmente impossível. Não podemos unir-nos com os que procuram seus próprios interêsses, ou com os que trabalham em base de planos mundanos, sem perdermos nossa ligação com o Conselheiro celestial". Review and Herald de 19 de abril de 1898.

"Levantou-se um povo corrupto que não poderia viver com o povo de Deus. Desprezaram a reprovação e não quiseram corrigir-se... A peneira está em movimento. Não digamos: Detém Tua mão, ó Deus. A igreja deve ser purificada e sê-lo-á". 1T:99, 100.

"Se a unidade só se pudesse conseguir comprometendo a verdade e a justiça, seria preferível que prevalecessem as diferenças e as conseqüentes lutas". C:45.

União só sob condição de igualdade, quando todos estiverem sujeitos à mente da totalidade, e a supremacia não fôr mais pretendida por nenhum homem ou grupo de pessoas

" 'Todos vós sois irmãos' — êsse será o sentimento de todo filho da fé. Quando os seguidores de Cristo fôrem um com Êle, não haverá mais primeiro nem último; uns não serão menos respeitados nem menos importantes que os outros... Todos serão um com Cristo, em condições de igualdade". MS:28, 1897.

"Quando o torvelinho da perseguição realmente desabar sôbre nós, as verdadeiras ovelhas ouvirão a voz do verdadeiro Pastor. Envidar-se-ão esforços abnegados para salvar os perdidos, e muitos que estiverem desgarrados do aprisco voltarão para seguir o grande Pastor. O povo de Deus se unirá e apresentará ao inimigo uma frente unida. Em vista do perigo comum, cessará a contenda por supremacia. Não haverá disputa relativamente a quem deva ser considerado maior. Nenhum dos verdadeiros crentes dirá: 'Eu sou de Paulo e eu de Apolo; e eu de Cefas'. O testemunho de um e de todos será: 'Eu adiro a Cristo; regozijo-me nÊle como meu Salvador pessoal' ". 6T:401.

"Quando os obreiros tiverem a presença permanente de Cristo em sua alma,

quando estiver morto todo o egoísmo, quando não houver nenhuma rivalidade, nenhuma contenda pela supremacia, quando existir unidade, quando êles se santificarem, de maneira que o amor de uns pelos outros seja visto e sentido, então os chuveiros da graça do Espírito Santo hão de vir tão seguramente sôbre êles como é certo que a promessa de Deus não faltará nem num jota ou num til". 1ME:175.

"O Senhor terá homens fiéis, que O amem e temam ..." sustentando, "não uma aristocracia, mas, sim, uma igualdade, que é a lei do Céu. 'Todos vós sois irmãos' ". 2SM:192.

A "aristocracia", que não faz parte do plano de Deus, é, segundo o dicionário, uma "sociedade pOlìticamente organizada em que o contrôle estatal é monopolizado por uma camada social privilegiada", ou uma "forma de organização social e política em que o govêrno é monopolizado por uma classe privilegiada".

A lei do Céu — "todos vós sois irmãos" — é a igualdade, em que não há senhores e escravos, dominadores e dominados, primeiros e últimos, juízes e réus, etc. A lei do reino das trevas — "pelos príncipes dos gentios são êstes dominados, e ... os grandes exercem autoridade sôbre êles" — é a desigualdade, em que as "classes dominantes" devem "pensar, decidir, gozar e dominar", e "às mais humildes" cumpre apenas submeter-se, "obedecer e servir". Aí, "a religião, como tudo mais, é uma questão de autoridade" (D:409).

Deus fêz um nível, e aí há união. Satanás fêz desníveis, e aí há desunião.

"Lúcifer ... buscava para si mesmo o mais alto lugar, e tôda criatura que é movida por seu espírito fará o mesmo. Assim serão inevitáveis a separação, a discórdia e a contenda". D:327.

"O segrêdo da unidade encontra-se na igualdade entre os crentes em Cristo. A razão de tôdas as divisões, discórdias e diferenças encontra-se na separação de Cristo". 1ME:259.

"Todos são unidos ao corpo para fazerem sua obra específica, devendo ser respeitados por igual..." 4T:128.

"Os membros da igreja de Cristo devem estar unidos num corpo simétrico, sujeitos à santificada inteligência da totalidade". 4T:16.

"A união faz a fôrça"

"Seguramente não há nada mais certo que isto. Até o Livro de Deus, a Bíblia, fala de uma união que dá fôrça, porém seu fundamento deve ser a lei de Deus e a justiça de Cristo. A verdadeira igreja de Deus está edificada e organizada sôbre êste fundamento. Nisto descansa sua fôrça desinteressada, um poder que não se expressa de maneira brutal, nem em injustiça, mas, sim, em uma conduta e um caráter feliz, contente, suave, carinhoso, alegre e piedoso, da parte dos membros da congregação. Uma 'união', porém, feita à custa dos outros, com o fim de tirar proveito dêles e de os oprimir, é falsa, egoísta, pecaminosa, sim, diabólica". — Carlos Kozel, *Una Catastrofe Mundial*, p. 31.

Uma lei de compatibilidades e incompatibilidades

Se por um lado a união é incompatível com o mal sob qualquer uma das suas formas, como já vimos, por outro lado ela anda de mãos dadas com certas condições que precisam ser cultivadas:

1. Quando a vontade própria é renunciada (5T:94);

2. Quando há arrependimento e conversão (1ME:385);

3. Quando há santificação (1ME:175) na obediência aos mandamentos de Deus (2SM:160), sendo visto e sentido o amor de uns pelos outros;

4. Quando todos os princípios da Verdade são unânimemente aceitos e praticados (1T:326);

Cont. na pág 17

A Conferência Geral

A. BALBACH

Todos estão cansados de ouvir falar em conferência geral, mas nem todos estão bem a par do significado, da natureza, da constituição, das funções, etc., daquilo que nós, reformistas, chamamos de conferência geral.

O que é a conferência geral?

Nas mentes de algumas pessoas têm existido fantasias nesse terreno. Não será difícil encontrar aquêles que pensam que "conferência geral" é uma espécie de cátedra ou trono monopolizado, em caráter vitalício, e com direito, por um rei eclesiástico com a sua côrte, ou por um cabeça espiritual com a sua "panelinha", ou por um caudilho religioso com a sua camarilha. Segundo a mesma idéia, êsses soberanos, em cujas mãos estariam as rédeas do govêrno da igreja, devem ter domínio sôbre a herança de Deus, devem exercer autoridade sôbre o povo do Senhor, devem considerar-se donos da igreja, a qual é constituída exclusivamente pelas almas que reconhecem essa casta regente e lhe dão apoio moral e financeiro. Êsses acreditam numa espécie de autocracia, ou absolutismo, ou cesarismo, ou totalitarismo, ou romanismo, ou ditadura, ou patriarcado, ou califado, ou caudilhismo, ou caciquismo. Terrível engano!

Isso, ou qualquer coisa semelhante, precisamos antes de tudo dizer, não existe nem pode existir na igreja de Cristo, e, se chegasse a existir, sem imediata e decidida oposição, a igreja estaria apostatada e separada de Deus. Isso não é conferência geral. Se a isso V. chama "conferência geral", V. está tão longe da realidade como aquela senhora de côr que se chamava "Clara Branca das Neves" ou como aquela que ao seu inofensivo cão, que nem sabia abrir a bôca para ladrar, deu o nome de "canhão".

Conferência Geral, meu irmão, é bem outra coisa. É, em primeiro lugar, o inteiro corpo de crentes; em segundo lugar, uma assembléia plenária, com representantes da totalidade da igreja; em terceiro lugar, uma comissão de homens eleitos pela voz do povo como um todo. Vejamos:

1. O inteiro corpo de crentes

"A Conferência Geral é o conjunto de tôdas as Uniões, e, pois, a associação da totalidade da igreja". — Princípios de Fé de 1925.

A reunião das Uniões em Conferência Geral ou "a divisão da Conferência Geral em Uniões foi disposição de Deus" (8T: 232, 233).

Para V. ter maior clareza, pense, a título de comparação, no Decálogo. Os fonemas (se V. disser "letras", também vale) formam as palavras; as palavras formam os mandamentos; os mandamentos, que são dez, formam a lei. A lei é, pois, o conjunto, a totalidade dos mandamentos, palavras e fonemas. Assim, também, a Conferência Geral é a soma de tôdas as suas partes componentes, compreendendo tôdas as Uniões, as quais, por sua vez, incluem tôdas as Associações, e estas tôdas as igrejas, e estas todos os membros. Uma fração minoritária — digamos 10%, ou 20%, ou 30% — da igreja nunca foi, não é e jamais será a Conferência Geral, nem poderá falar em nome desta, assim como, se V. guardar apenas um, ou dois, ou três mandamentos da lei, não poderá dizer que guarda a lei (Tg 2:10).

Pense sempre no que os Testemunhos e os Princípios de Fé dizem sôbre a Con-

ferência Geral, e V. estará livre do engano de que falamos atrás.

O Espírito de Profecia menciona três medidas ou proporções como fonte dos juízos dos crentes: (a) a totalidade da igreja (com autoridade), (b) a maioria da igreja (com autoridade), (c) o indivíduo ou a minoria da igreja (sem autoridade, a menos que a maioria esteja apostatada da Verdade).

"Cristo é representado como habitando em Seu povo..." 2TSM:103.

"Cristo dá poder à voz da igreja. 'Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na Terra será ligado no Céu, e tudo o que desligardes na Terra será desligado no Céu' (Mt 18:18). Não se consente em coisa alguma como seja um homem pôr-se em movimento, sob sua própria responsabilidade, advogando pontos de vista que bem lhe parecem, sem tomar em conta o juízo da igreja. Deus concedeu à igreja o maior poder debaixo do Céu. É a voz de Deus em Seu povo unido em caráter de igreja, que deve ser respeitada". 3T: 450, 451.

"Os membros da igreja de Cristo devem estar unidos num corpo simétrico, sujeitos à santificada inteligência da totalidade". 4T:16.

A autoridade a que devemos render-nos não é a voz de Apolo ou Cefas, nem o juízo de Paulo ou Barnabé; é, isso sim, a mente do inteiro corpo de crentes. E esta lei obriga não sòmente os membros leigos; ao contrário, obriga também, e muito mais ainda, os que são reconhecidos como líderes pela igreja. Sim, "quanto maiores as responsabilidades colocadas sôbre o agente humano, e quanto mais amplas suas oportunidades para mandar e controlar", tanto mais cuidadoso deve ser êle em sujeitar-se "à voz de Deus em Seu povo unido em caráter de igreja", pois, diz o Espírito de Profecia, "é certo que tanto maior será o êrro que êle cometerá se não seguir cuidadosamente o caminho do Senhor e trabalhar em harmonia com as decisões tomadas pelo corpo geral de crentes reunidos em concílio". AA:199.

À igreja, por meio dos seus representantes reunidos em congresso geral, compete fazer decisões, que devem ser executadas pelo presidente, como chefe da comissão executiva. Mas, infelizmente, sempre há os que invertem a ordem, crendo que o presidente deve mandar e ao povo só compete obedecer. Esta inversão da autoridade coloca-os no caminho do romanismo. Tudo que essas pobres almas enganadas fazem e dizem, resume-se nisto:

— Por direito divino, o govêrno da igreja pertence a uma classe dominadora permanente — uma espécie de "círculo monárquico" ou um "sinédrio" em miniatura — a que êles dão impròpriamente o nome de "conferência geral".

— Rodeado por uma camarilha, um dos componentes dessa classe se distingue como "presidente", que, muito longe de ser um simples presidente da comissão executiva, pretende exercer uma autoridade suprema, à semelhança de Moisés, independentemente do consentimento do povo.

— Quem manda de fato é êsse "presidente", que, na realidade, é um ditador, um rei, um papa; quem obedece é o povo; todos os que desobedecem ou retiram sua confiança, ainda que sejam a grande maioria do corpo de crentes, são considerados rebeldes e, automàticamente, perdem todos os seus direitos.

Essas almas iludidas comparam a igreja a uma tribo de índios dominada pela autoridade suprema de um cacique, ou a uma nação governada pelo poder de um rei absolutista. Em certo sentido crêem numa forma de papismo ("Onde está Pedro, aí está a igreja").

Se alguém faz questão de ser o primeiro, buscando "para si o mais alto lugar" (D:327), é mau sinal; e se o faz "sem ser reconhecido pela igreja ou pelos irmãos em geral" (PE:97), piorou; mas quando êle procede como se, longe de precisar êle sujeitar-se à mente da totalidade,

precisasse, ao contrário, a totalidade sujeitar-se à mente dêle, êle chega ao cúmulo da perversão. O tal subverte a ordem de Deus, transtorna as disposições divinas, inverte os sagrados princípios da autoridade. "Semelhantes práticas são, tôdas, uma abominação" aos olhos de Deus (7T:179), como veremos adiante.

E quando surge, na igreja, uma questão controvertida? Quando há dois partidos, um defendendo uma posição, e o outro defendendo outra? Onde está, nesse caso, a autoridade divina? O Espírito de Profecia responde:

"A igreja é a delegada autoridade de Deus sôbre a Terra... É a falta de respeito às opiniões da igreja que causa tanta dificuldade entre os irmãos... Poucas pessoas (que constituem a minoria da igreja) podem ser tão cegas como aquêle que está em êrro, mas a maioria da igreja é a autoridade que deve controlar seus membros individuais... Deus colocou na igreja uma voz que deve governar seus membros". 5T:105, 106.

Um dirigente ou um pequeno grupo de dirigentes não tem permissão para pensar, falar e agir em nome da totalidade. Justamente por terem o apoio de apenas uma minoria do povo, é que nada podem fazer em nome da conferência geral, porque, como já vimos, a "conferência geral" é a "totalidade da igreja", sendo que, num caso de divergência, quem tem autoridade para decidir é "a maioria da igreja".

Seríamos rebeldes se recusássemos submeter-nos à voz da totalidade ou da maioria do corpo de crentes, a não ser que esta estivesse apostatada dos princípios da Verdade, pois um "assim diz o Senhor" sempre está acima de um "assim diz a igreja". (6T:402). Sòmente nessas condições não estariam em rebelião os indivíduos que formassem uma minoria insubmissa.

Aqui está, pois, o segrêdo da nossa certeza, que não admite a menor sombra de dúvida: Em primeiro lugar, estamos 100% dentro da Palavra de Deus; em segundo lugar, somos a grande maioria da igreja.

2. Uma delegação de homens qualificados, legalmente eleitos, representando a totalidade da igreja

A "Conferênca Geral" é "uma assembléia de homens representativos e devidamente designados, de tôdas as partes do campo". 9T:261.

Já dissemos que a conferência geral se apresenta sob três aspectos. Um já analisamos. O segundo apenas começamos a analisar. O terceiro virá em seguida. Ora entre essas três formas há uma relação de dependência ou derivação. Assim, a segunda não tem existência a não ser como produto da primeira. Se a igreja como um todo se faz representar — se "cada União e Associação, cada instituição, cada igreja (local) e cada membro individual, quer diretamente quer por meio de representantes, tem voz" (8T:237) na assembléia — então, sim, temos "um concílio geral de todo o conjunto de crentes" (AA:96), e podemos dizer que temos uma "conferência geral".

Uma conferência geral, neste sentido, depende de três condições básicas que precisam ser satisfeitas:

a. Os homens enviados à assembléia plenária precisam ser eleitos "devidamente", como Deus determinou (3TSM:240, 241, 408). Não podem ser tomados arbitràriamente, ao sabor de algum maioral.

b. Êsses homens precisam ser competentes sob diversos pontos de vista (3TSM:410).

c. Tôdas as partes da Vinha precisam fazer-se representar (3TSM:408).

Faltando uma dessas condições, digamos, a primeira, devem naturalmente surgir sérias dúvidas quanto ao valor da assembléia, e já se justifica a pergunta: "Pode ela de fato ser considerada como uma conferência geral?"

Faltando também a segunda condição, o problema se agrava muitíssimo.

Faltando igualmente a terceira condição — suponhamos que no congresso se tenha feito representar só a menor parte do inteiro corpo de crentes — então já não resta a menor dúvida de que, neste caso, a reunião não pode, absolutamente, ser considerada uma conferência geral. E é aí que muitos caem no êrro. Adverte, a propósito, o Espírito de Profecia:

"Deus ordenou que os representantes de Sua igreja, *de tôdas as partes da Terra*, quando reunidos numa Conferência Geral, devem ter autoridade. O *êrro* que alguns estão em perigo de cometer, é dar à opinião e ao juízo de um homem, ou de um pequeno grupo de homens, a plena medida de autoridade e influência de que Deus revestiu Sua igreja, no juízo e voz da Associação Geral...

"Por vêzes, quando um pequeno grupo de homens, aos quais se acha confiada a direção da obra, tem procurado, em nome da Conferência Geral, exercer planos imprudentes e restringir a obra de Deus, tenho dito que eu não poderia por mais tempo considerar a voz da Conferência Geral, representada por êsses poucos homens, como a voz de Deus. Mas isto não equivale a dizer que as decisões de uma Conferência Geral, composta de uma assembléia de homens representativos e devidamente designados, *de tôdas as partes do campo*, não deva ser respeitada". 9T: 260, 261; 3TSM:408, 409.

Cada dia devemos dar graças a Deus por tão claras advertências do Espírito de Profecia, pelas quais podemos fazer distinção entre a Verdade e o êrro, entre a voz de Deus e a voz dos homens, entre uma verdadeira conferência geral (satisfeitas aquelas três condições) e uma falsamente chamada "conferência geral" (não satisfeitas aquelas três condições).

Já vimos que, quando os representantes de todo o conjunto dos crentes se reúnem num concílio geral, êles "devem ter autoridade". Essa autoridade a êles confiada é como um capital colocado nas suas mãos e do qual êles não são donos (não é sua propriedade particular) e, sim, meramente depositários ou mordomos (é propriedade da igreja). Êles são apenas "delegados", isto é, "pessoas autorizadas por outros para os representar e de quem recebem poderes para cumprir certa missão" (dicionário). O capital-poder ou capital-autoridade com que os delegados trabalham num concílio geral, é a voz do povo de Deus como um todo. "Mediante esta disposição, cada União ou Associação, cada instituição, cada igreja, e cada membro individual, quer diretamente quer através de representantes, tem voz" (8T:237) nas decisões da conferência geral. Se os delegados preenchem os três requisitos fundamentais, atrás mencionados, então se pode dizer que a igreja fala por meio dêles. Então, sim, êles são a voz de Deus.

Vale, pois, uma delegação, não pelo número de representantes de que se compõe, mas, sim, pela proporção do povo que se faz representar por meio dêles. Por isso sempre afirmamos que 14 delegados (dos quais sabemos que 5 não eram legais), em 1951, não podiam ter autoridade, não porque eram apenas 14, mas porque representavam só 20% (a quinta parte) do povo. A minoria da igreja, ainda que falasse através de qualquer número maior de porta-vozes — digamos 28, 42, 56 ou 60 — é sempre a minoria, e, como tal, não tem autoridade. A maioria da igreja, sim, quer use muitos quer use poucos porta-vozes, é sempre a maioria, e, como tal, tem autoridade.

Acima desta lei administrativa, existe uma lei espiritual, à luz da qual se encontra a decisão final, independentemente de números e proporções: "Não é Deus a maioria? Se estamos do lado de Deus, que fêz o Céu e a Terra, não estamos do lado da maioria?" T:258. "Deus é sempre a maioria". AA:589.

Esteja, agora, atento ao perigoso êrro contra o qual a serva do Senhor nos adverte: Suponhamos que "um pequeno

grupo de homens" — que representem apenas 10%, ou 20%, ou 30% da totalidade da igreja — tenham a presunção de arvorar-se em alguma coisa que êles não podem ser — uma conferência geral — justamente por não constituírem *quorum*, de vez que não receberam capital-poder ou capital-autoridade de 70%, ou 80%, ou 90% do corpo de crentes. Apoiados numa pequena minoria do rebanho (a qual não tem autoridade), êle passam por cima da grande maioria do povo (em cujas mãos realmente está a autoridade, como já vimos), e logo pretendem que suas resoluções têm valor absoluto e indiscutível. Querem impô--las à igreja como um todo. Que devemos fazer agora nós, que somos a maioria da igreja, que se vê repudiada, de vez que nossa voz foi desprezada? Devemos dar alarma em todo o mundo, dizendo que "um pequeno grupo de homens", apoiado numa minoria do povo, fêz uma confederação (maiores detalhes adiante) com o propósito de impor sua ditadura sôbre a maioria da igreja, transtornando a ordem de Deus.

Se, por hipótese, êsse pequeno grupo de homens realiza uma conferência fragmentária, fracionária, minoritária, impingindo-lhe, por voluntário equívoco, o descabido nome de "conferência geral", que significa "assembléia total, ecumênica, completa", dando a entender que tôdas as partes da vinha estão aí representadas, então êsses homens negam, com dolo, a voz de Deus. E há também outras maneiras de negar a voz de Deus: Uma delas é agir segundo a própria cabeça, prescindindo do concílio geral com as suas decisões (AA:199; 3T:492).

A assembléia plenária de delegados é o remédio que o Onipotente indica contra as divisões na igreja, e, aos olhos do Céu, ninguém terá desculpas por rejeitar êsse remédio, na procura de outros, melhores, como se quisesse ser mais sábio do que Deus.

"A ordem que foi mantida na primitiva igreja cristã, possibilitou-lhes avançarem firmemente... Quando surgia dissensão em uma igreja local, como mais tarde aconteceu em Antioquia e em outros lugares, e os crentes não podiam chegar a um acôrdo entre si, não se permitia que tais assuntos criassem divisão na igreja, mas eram encaminhados a um concílio geral de todo o conjunto dos crentes, constituído de delegados designados pelas várias igrejas locais, com os apóstolos e anciãos nos cargos de maior responsabilidade. Assim os esforços de Satanás para atacar a igreja nos lugares isolados, foram contidos pela ação concorde por parte de todos; e os planos do inimigo para esfacelar e destruir foram subvertidos...

"Deus ... requer que o método e a ordem sejam observados na direção dos negócios da igreja hoje, não menos do que o foram nos antigos tempos". AA:95, 96. (Ler também AA:190, 198, 199).

3. Uma comissão executiva eleita em cada sessão da Conferência Geral pelos representantes da totalidade do povo

"Deus não instituiu uma autoridade monárquica na Igreja Adventista do Sétimo Dia para dominar o corpo inteiro... Cada União ou Associação, cada instituição, cada igreja, e cada indivíduo, quer diretamente quer por meio de representantes, tem voz na eleição dos homens que carregam as principais responsabilidades na Conferência Geral". 8T:236, 237.

Aqui temos um terceiro aspecto da conferência geral, que depende inteiramente do segundo, assim como o segundo depende do primeiro. Onde não existe o primeiro, tampouco podem existir o segundo e o terceiro. Não obstante, suponhamos que aquêles mesmos líderes minoritários aos quais já fizemos referência atrás, quando falamos das duas primeiras formas da conferência geral, venham com uma pretensão insustentável, absurda, ridícula: "Em nossas mãos está o supremo poder da igreja; nós somos a cabeça e temos autoridade sôbre o Movimento de

(Cont. na pág. 30)

O Princípio Fundamental do Reino de Cristo

"Pedro expressara a verdade que é o fundamento da fé da igreja, e Jesus o honrou então como o representante do inteiro corpo de crentes. Disse: 'Eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus'...

"O Salvador não confiou a obra do evangelho a Pedro, individualmente. Noutra ocasião, mais tarde, repetindo as palavras dirigidas a Pedro, aplicou-as diretamente à igreja. E o mesmo, em essência, foi dito também aos doze como representantes do corpo de crentes. Se Jesus houvesse delegado qualquer autoridade especial a um dos discípulos, de preferência aos outros, não os encontraríamos tantas vêzes questionando acêrca de quem seria o maior... A igreja é edificada tendo Cristo como seu fundamento; deve obedecer a Cristo como sua cabeça. Não tem de confiar em homem, ou ser por homem controlada. Muitos pretendem que uma posição de confiança na igreja lhes dá autoridade para ditar o que outros hão-de crer e fazer. Essa pretensão não é sancionada por Deus. O Salvador declara: 'Todos vós sois irmãos'". D:311.

"Deus fêz os homens como sêres responsáveis e colocou-os em circunstâncias favoráveis à obediência à Sua vontade. Na dignidade da sua varonilidade proveniente de Deus, devem ser governados e controlados pelo próprio Deus, e não por qualquer inteligência humana neste mundo. O homem deve sempre reconhecer que Deus vive e reina; homens nunca devem tornar-se senhores sôbre a herança de Deus. Devem, antes, considerar que 'todos vós sois irmãos'". 5SDABC:1098.

"O orgulho e o interêsse egoísta (entre os discípulos) criaram dissensão e ódio, mas tudo isso lavou Cristo ao lavar-lhes os pés... Agora havia união de coração, amor de um para com o outro. Tornaram-se humildes e dóceis. Com exceção de Judas, cada um estava disposto a conceder ao outro o mais alto lugar". D: 484, 485.

"Quando somos nascidos de cima, encontrar-se-á em nós o mesmo espírito que havia em Jesus, o espírito que O levou a humilhar-Se a Si mesmo para que nos pudéssemos salvar. Então, não andaremos em busca do lugar mais alto". D:245.

"Existe no homem a disposição de se estimar em mais alta conta do que a seu irmão, de trabalhar para si mesmo, de procurar o mais alto lugar; e muitas vêzes isso dá em resultado ruins suspeitas e amarguras de espírito...

"Enquanto o orgulho, diferença e conflito por superioridade fôrem nutridos, o coração não pode entrar em associação com Cristo...

"Quando Tiago e João pediram para ser postos em destaque, disse: 'Todo aquêle que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal'. Em Meu reino não tem lugar o princípio de preferência ou supremacia. A grandeza única é a grandeza da humildade. A única distinção baseia-se na dedicação ao serviço dos outros". D:486.

Princípios que não pertencem ao reino de Cristo

"Novamente o conflito acêrca de quem deveria ser o maior estava a ponto de se renovar, quando Jesus, chamando-os a Si, disse aos indignados discípulos: 'Sabeis que os que julgam ser príncipes das gentes delas se assenhoreiam, e os seus grandes usam de autoridade sôbre elas; mas entre vós não será assim'.

"Nos reinos do mundo, a posição implicava em engrandecimento próprio. Supunha-se que o povo existia para benefício das classes dominantes. Influência, for-

tuna, educação eram outros tantos meios de empolgar as massas para proveito dos dirigentes. As classes mais altas deviam pensar, decidir, gozar e dominar; às mais humildes cumpria obedecer e servir. A religião, como tudo mais, era uma questão de autoridade. Do povo esperava-se que acreditasse e procedesse segundo a direção de seus superiores. O direito do homem como homem — pensar e agir por si mesmo — era inteiramente postergado. Cristo estava estabelecendo um reino sôbre princípios diversos. Chamava os homens, não à autoridade, mas ao serviço... No reino de Cristo não há nenhuma orgulhosa opressão, nenhuma obrigatoriedade de costumes". D:409, 410.

"Alguém se animou a perguntar a Jesus: 'Quem é o maior no reino dos céus?' O Salvador reuniu os discípulos em tôrno de Si, e disse-lhes: 'Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos'... Não compreendiam a natureza de Seu reino, e esta ignorância era a causa aparente de sua contenda. A causa real, porém, jazia mais fundo. Explicando a natureza de Seu reino, Cristo acalmara temporàriamente a questão; isto, no entanto, não teria tocado no motivo básico. Mesmo depois de haverem recebido o mais pleno conhecimento, ter-se-ia renovado a dificuldade a qualquer questão de precedência. Assim sobreviria ruína à igreja de Cristo depois de Sua partida. A luta pelo mais alto lugar era a operação do mesmo espírito que dera origem à grande controvérsia nos mundos de cima... Lúcifer ... buscava para si mesmo o mais alto lugar, e tôda criatura que é movida por seu espírito fará o mesmo. Assim serão inevitáveis a separação, a discórdia e a contenda...

"Os que eram atuados por orgulho e amor de distinções, estavam pensando em si mesmos e nas recompensas que deveriam obter, em vez de cuidar em como devolver a Deus os benefícios recebidos. Êles não teriam lugar no reino do céu, pois achavam-se identificados com as fileiras de Satanás...

"Ninguém fôra especialmente apontado na resposta; mas João foi levado a duvidar de que em certo caso sua atitude fôra correta. Com espírito de criança, expôs a questão a Jesus. 'Mestre', disse êle, 'vimos um que em Teu nome expulsava demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não nos segue'.

"Tiago e João pensaram que, opondo-se a êsse homem, tinham tido em vista a honra de seu Senhor; começaram a ver que tiveram ciúmes da sua própria. Reconheceram seu êrro e aceitaram a reprovação de Jesus: 'Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagres em Meu nome e possa logo falar mal de Mim'. Pessoa alguma que se mostrasse de algum modo amiga de Cristo, devia ser repelida...

"O fato de uma pessoa não se conformar em tudo com nossas próprias idéias e opiniões, não nos justifica proibir-lhe o trabalhar para Deus. Cristo é o grande Mestre; não nos compete julgar ou ordenar, mas deve cada um sentar-se com humildade aos pés de Jesus e dÊle aprender". D:326-329.

"Não há mais concludente prova de possuirmos o espírito de Satanás, do que a disposição de causar dano e destruir aos que não apreciam nossa obra, ou procedem em contrário a nossas idéias". D:366.

"Os que justificam na sua atitude de abrir processo judicial contra seus irmãos da igreja, são atuados pelo espírito que desenvolveu a rebelião no Céu". 7STB:27.

Uma preciosa advertência para todos os tempos

"Na época do primeiro advento de Cristo ao nosso mundo, exerciam os homens que compunham o Sinedrim sua autoridade dominando os homens segundo sua vontade. Assim as almas por quem Cristo deu a vida, a fim de libertá-las da servidão de Satanás, eram colocadas de outra forma em sujeição a êle". TM:361.

"Cristo previu que a indébita assunção da autoridade a que se entregavam os fariseus e escribas não cessaria com a dispersão dos judeus. Com o olhar profético viu a obra de exaltação da autoridade humana, com o fim de reger a consciência, a qual tem sido para a igreja uma tão terrível maldição, em todos os tempos. E Suas tremendas acusações aos escribas e fariseus, bem como as advertências ao povo para que não seguisse aquêles guias cegos, foram registadas como aviso às gerações futuras". C:596.

Na igreja não há lugar para o princípio da supremacia

"Satanás se esforçou por estabelecer um compromisso mútuo com Cristo. Chegou-se ao Filho de Deus no deserto da tentação, e mostrando-Lhe todos os reinos do mundo e a glória dos mesmos, ofereceu-se a entregar tudo em Suas mãos se tão sòmente reconhecesse a supremacia do príncipe das trevas. Cristo repreendeu o pretensioso tentador e obrigou-o a retirar-se. Mas Satanás obtém maior êxito em apresentar ao homem as mesmas tentações...

"Uma das principais doutrinas do romanismo é que o papa é a cabeça visível da igreja universal de Cristo, investido de autoridade suprema...

"Deus jamais deu em Sua palavra a mínima sugestão de que tivesse designado a algum homem para ser a cabeça da igreja. A doutrina da supremacia papal opõe-se diretamente aos ensinos das Escrituras Sagradas. O papa não pode ter poder algum sôbre a igreja de Cristo, senão por usurpação". C:50, 51.

"Um espírito estranho se tem introduzido em nosso meio. É tempo de que os homens humilhem perante Deus o coração, e aprendam a trabalhar segundo a Sua maneira. Os que têm buscado dominar os seus coobreiros, tratem de examinar o espírito de que estão animados. Devem buscar o Senhor com jejum, oração e contrição de espírito.

"Em Sua vida terrestre, Cristo deu um exemplo que todos podem seguir com segurança. Êle ama o Seu rebanho e não quer que sôbre êle se estabeleça autoridade alguma que lhes restrinja a liberdade no trabalho que Lhe prestam. Êle nunca comissionou ninguém para que dominasse sôbre a Sua herança. A verdadeira religião Bíblica produzirá o domínio próprio e não de um sôbre outro". 3TSM:423.

"Devem os homens finitos evitar dominar os seus semelhantes, assumindo o lugar determinado para o Espírito Santo ... O que me faz sentir até às próprias profundezas do meu ser, e me faz saber que suas obras não são de Deus, é suporem que têm autoridade para governar seus semelhantes. O Senhor não lhes dá mais direito de governar aos outros do que dá aos outros o de governá-los. Os que assumem o contrôle de seus semelhantes, tomam em suas mãos finitas um trabalho que sòmente compete a Deus". TM:76.

"Nenhum ser humano considere estar acima dos seus coobreiros por maiores responsabilidades estarem envolvidas em seu ramo de trabalho". TM:357.

"Aquêles que Deus tem colocado em posições de responsabilidade nunca devem procurar exaltar-se a si mesmos... Não devem procurar poder para dominar sôbe a herança de Deus; pois sòmente aquêles que estão sob o domínio de Satanás é que farão isto". TM:279, 280.

Na Igreja Adventista

"O Senhor não colocou nenhum de Seus agentes humanos sob a ordem arbitrária ou o domínio daqueles que não passam êles próprios de mortais sujeitos ao êrro. Êle não deu aos homens o poder de dizer: Fareis isto, e não fareis aquilo. Mas é exercido em Battle Creek um poder que Deus não deu, e Êle julgará aos que assumem essa autoridade". TM:347.

"A presente ordem de coisas deve mudar, ou a ira de Deus cairá sôbre os Seus instrumentos que não estão trabalhando

nas fileiras de Cristo. Tem o Senhor dado a qualquer um de vós a comissão de dominar sôbre a Sua herança?" TM:349.

"A própria Associação Geral se está corrompendo com sentimentos e princípios errôneos...

"O poder despótico que se tem desenvolvido, como se a posição tivesse feito dos homens deuses, faz-me temer, e deveria causar temor. É uma maldição onde quer e por quem quer que seja exercido. Êsse domínio sôbre a herança de Deus criará tal desagrado da jurisdição humana que resultará um estado de insubordinação...

"A disposição de mandar sôbre a herança de Deus causará reação, a menos que êsses homens mudem de atitude... Estão seguindo no rumo do romanismo... Governar, governar, tem sido sua atitude. Satanás tem tido a oportunidade de se fazer representar... Para poderem reinar e tornar-se uma fôrça, empregam os métodos de Satanás para justificar seus próprios princípios. Exaltam-se como homens de juízo superior, e têm permanecido como representantes de Deus. São êles deuses falsos". TM:359-364.

"Durante anos tem havido a crescente tendência de homens que estão colocados em posições de responsabilidade governarem despòticamente sôbre a herança de Deus, removendo assim dos membros da igreja o seu vivo senso da necessidade de instrução divina e de apreciar o privilégio de buscar o conselho de Deus quanto a seu dever. Tal ordem de coisas deve mudar. Deve haver uma reforma". TM: 477, 478.

"O céu está ofendido por causa da realização de atos tão despóticos, irrefletidos, e muitas vêzes opressivos. Cristo tem olhado ao comando monárquico quanto ao que deve ser e ao que não deve ser, e Êle diz: 'Falai palavras mais apropriadas. Os homens e as mulheres são a minha herança. Eu não os entreguei às vossas mãos. Deveis sair do caminho e exercer vossa autoridade sôbre vós mesmos. Eu dei aos meus filhos o seu código e a sua carta patente. Se um homem interfere na minha herança, e faz algum mal a um dos da minha possessão adquirida, o tal nega a eficácia e eficiência divina. Os que assumem tamanho poder ditatorial, devem ser repreendidos pela sua presunção. Meu reino não é dêste mundo, pois recusa todo patronato (autoridade de patrão) humano. Se um homem estende sua mão para dirigir e governar Meus missionários, como se êle tivesse o encargo das suas almas, êle desagrada a Deus. Eu os comprei por um preço que nenhuma mente humana pode computar. Êles são Minha propriedade'.

"Os que são fiéis ao seu Guia Divino hão-de ater-se à simplicidade do evangelho, descartar todos os sentimentos de liderança e rejeitar todos os sofismas que estão penetrando para enganar. Os que querem salvar-se das astutas e enganadoras influências do inimigo, devem agora quebrar todo jugo e tomar sua posição por Cristo e pela Verdade. Devem rejeitar todos os sentimentos fictícios, os quais, se aceitos, lhes arruinarão a fé e a experiência. Se não obtiverem esta liberdade, êles prosseguirão passo a passo caminho a baixo, até que neguem Aquêle que os comprou ao preço do Seu sangue". 2STB:45.

"Quando formos guiados pelo Senhor, teremos claro discernimento. Então não chamaremos justiça àquilo que é injustiça, nem pensaremos que as coisas que o Senhor proibiu sejam certas. Compreenderemos onde o Senhor está operando. Isso é o que muitos não têm compreendido. Há alguns que foram desencaminhados pelo inimigo. Deus, porém, quer tornar-vos participantes da natureza divina. Êle quer que sôbre vosso pescoço não haja nenhum jugo de autoridade humana, mas que olheis para Aquêle que é capaz de salvar perfeitamente todos aquêles que se chegam a Êle em justiça e verdade". 4BC:1152.

Diante de nós uma obra muito importante

"Foi-me revelado que o Senhor prova e experimenta a todos os que mencionam o nome de Cristo, mas especialmente os mordomos...

"Aquêles que Deus colocou em posições de responsabilidade nunca devem procurar exaltar-se a si mesmos... Não devem procurar poder para exercer domínio sôbre a herança de Deus, pois sòmente aquêles que estão sob o contrôle de Satanás é que farão isso...

"Desde sua apostasia no Céu, tem sido a atitude de Satanás uma atitude de perpétuo engano e severidade; e há cristãos professos que lhe estão aprendendo os métodos e práticas. Enquanto pretendem estar servindo a causa de Deus, desviam os semelhantes de seus direitos, a fim de se servirem a si mesmos.

"Todo ser humano foi comprado por preço, e, como herança de Deus, tem certos direitos, dos quais ninguém o deve privar...

"Os homens que fecham os olhos à luz divina ignoram, deploràvelmente ignoram as Escrituras e o poder de Deus... Rebelam-se contra a luz, e fazem tudo o que podem para excluí-la, chamando as trevas luz, e a luz, trevas...

"E justamente enquanto essas almas sem Cristo fôrem mantidas em posições de responsabilidade, a causa de Deus estará em perigo. Correm êles o risco de tão firmemente se apegarem ao negro chefe de tôda a rebelião que jamais vejam a luz; e quanto mais forem retidos (nos cargos), mais sem esperança será a sua oportunidade de receber a Cristo, ou de alcançarem um conhecimento do verdadeiro Deus. Quão incerto tornam tudo que é espiritual e progressivo na verdade! Sob a influência de seu líder, tornam-se êles cada vez mais determinados a trabalhar contra Cristo...

"Aquêles que detêm os sagrados depósitos estão forjando seu próprio destino pelo espírito e caráter que revelam; e já pensaram êles como suas obras aparecerão no Juízo?...

"Todo aquêle que nutre a descrença e a crítica, todo aquêle que se julga capaz de julgar a obra do Espírito Santo, difundirá o espírito de que é animado. Faz parte da natureza da descrença, da infidelidade e da resistência à graça de Deus, fazerem-se sentidas e ouvidas. A mente movida por êsses princípios está sempre se esforçando para abrir um caminho para si, e obter adeptos. Todo aquêle que anda ao lado de um apóstata será imbuído de seu espírito no sentido de partilhar com outros os seus pensamentos, o resultado de suas próprias investigações, e os sentimentos que lhe motivaram as ações; pois não é coisa fácil reprimir os princípios sob os quais agimos.

"Alguns dos que se supõem serem dedicados a Deus de coração e alma estão agindo contràriamente a Êle e Sua obra. Outros têm nêles depositado a confiança, mas o engano os cobre como um manto...

"Os homens procuram apoderar-se do cetro do poder e manter o domínio sôbre as mentes humanas. Mas Deus não trabalha com êles em seus projetos, e a voz que agora têm na Causa de Deus não é a voz de Deus. Êles se têm demonstrado completamente indignos de um lugar como sábios administradores, pois, a fim de se beneficiarem a si mesmos, usam sua fôrça para desviar os homens de seus direitos...

"Há grande necessidade de união na Obra e na Causa de Deus; mas, de há

muito tempo, operam influências que procuram criar desavença, e os homens que julgam ter o poder em suas mãos, pouco se importam. Dizem a si mesmos: 'Quando esta consolidação fôr aperfeiçoada, nós lhes mostraremos quem é que manda. Então poremos as coisas na linha'. Nunca, porém, terão que fazer essa obra.

"Como indivíduos e como membros da igreja de Deus, precisamos reconhecer a obra especial de que fomos incumbidos. Paulo escreve a Timóteo: 'Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina: Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como os que te ouvem'. Temos diante de nós uma obra muito importante...

"Todo aquêle que se colocar sob a influência da verdade, e, pela fé, se tornar participante do amor de Cristo, é por êsse mesmo fato designado por Deus para salvar outros. Tem uma missão no mundo. Deve ser um colaborador de Cristo, dando a conhecer a verdade como esta é em Jesus. E quando, em qualquer ramo da Obra de Deus, os homens procuram colocar a mente e os talentos dos agentes humanos sob seu domínio, então assumiram sôbre seus companheiros uma jurisdição que não podem manter sem praticar injustiça ou iniquidade...

"Há homens cujo caráter e vida atestam o fato de que são falsos profetas e enganadores. A êstes não devemos ouvir nem tolerar. Aquêles, porém, a quem Deus está usando estão sob Sua jurisdição, e Êle não designou homens para, com juízo humano e acanhado, criticar, condenar, julgar e rejeitar sua obra por não estarem tôdas as idéias de acôrdo com o que êles supõem ser a verdade.

"Podem os homens tornar-se justamente como os fariseus — muito ativos para condenar o maior Mestre que o mundo já conheceu...

"Em seus concílios aventuram-se a pronunciar juízo sôbre a Obra de Deus; pois se habilitaram a fazer aquilo que o Senhor nunca exigiu que fizessem. Melhor seria que humilhassem o seu coração diante de Deus, e não pusessem a mão na arca de Deus, para que a Sua ira não caia repentinamente sôbre êles... São apenas homens finitos, e estando êles mesmos obscurecidos, supõem que os outros homens estejam em êrro". TM:279-294 (Ler todo o capítulo "Ligados à obra de Deus").

Cont. da pág. 24

A CONFERÊNCIA ...

Reforma; só e exclusivamente nós somos a conferência geral; etc." Devemos, em primeiro lugar, saber então que essa pretensão se choca com o princípio estabelecido por Deus para a eleição da diretoria da conferência geral. Veja novamente, e com muita atenção, como reza êsse princípio (8T:236, 237). Sim, há um choque, um conflito, um pleito entre a pretensão humana e a ordem divina, porque, enquanto êsses homens pretendem impor ao inteiro corpo de crentes uma diretoria que tem por base o consentimento de apenas uma pequena fração da igreja, Deus ordena que a diretoria geral da Obra seja eleita pela voz da totalidade do povo.

Segundo a ordem estabelecida por Deus, autoridade não é algo que se impõe ao povo, mas, ao contrário, algo que se recebe do povo.

Deus dispôs as coisas de tal maneira que a legitimidade do govêrno da igreja é inteiramente subordinada à voz do povo. Todos são governados na mesma proporção em que todos governam, estendendo sua autoridade, por meio da sua voz, em favor da eleição dos homens que devem carregar "as principais responsabilidades na Conferência Geral".

A situação política mundial pode acarretar restrições que tornem impossível a perfeita ou completa realização dos aspectos segundo e terceiro da conferência geral. E é o que está acontecendo. Proscritos, oprimidos e perseguidos, poderemos

(Cont. na pág. 32)

Nossa segurança em meio aos perigos dos últimos dias

"Aquêle que chorou sôbre o impenitente Israel, ao ver sua ignorância de Deus, e de Cristo seu Redentor, olhou ao coração da Obra em Battle Creek. Havia grande perigo em tôrno do povo, mas alguns não o sabiam. A incredulidade e a impenitência lhes cegaram os olhos, e confiaram na sabedoria humana com respeito à direção dos mais importantes interêsses da Causa de Deus...

"Na fraqueza do juízo humano, os homens estavam tomando em suas mãos finitas as rédeas do poder (ou contrôle, ou autoridade), enquanto a vontade de Deus, bem como Seus caminhos e conselhos, não foram buscados como indispensáveis. Homens de obstinada e férrea vontade, tanto dentro como fora da Sede, estavam-se confederando, decididos a impor certas medidas, de acôrdo com o seu próprio juízo...

"Nenhuma confederação deve formar-se com os que são incrédulos; não deveis reunir certo número de homens escolhidos, que pensem como vós, e que digam Amém a tudo que proponhais, com a exclusão de outros que achais não estarem em harmonia". LS:320, 321.

"Deus não escolheu, para Seu favor, uns poucos homens, desprezando os demais. Êle não exaltará a um, abatendo e oprimindo o outro. Todos os que são verdadeiramente convertidos manifestarão um mesmo espírito. Tratarão seus companheiros como tratariam a Cristo. Nenhum ignorará os direitos do outro". 7T:209.

"O Senhor tem operado contigo, capacitando-te para fazeres tua parte como Seu obreiro; mas há também outros obreiros que devem igualmente desempenhar a parte dêles como Seus instrumentos. Êsses contribuem para a formação do corpo inteiro. É preciso que todos se unam como partes de um grande organismo. A igreja do Senhor é composta de agentes vivos, operantes, que, para agirem, recebem poder do Autor e Consumador da sua fé. Em harmonia, devem levar avante a grande Obra que sôbre êles repousa. Deus te deu a tua obra. Mas Êle tem igualmente outros instrumentos, aos quais Êle também deu sua obra, para que, pela santificação da verdade, todos sejam membros do corpo de Cristo". 8T:174.

"Meu irmão: tu me fôste representado como estando em perigo de te isolares do nosso povo, como se fôsses um todo completo. Se te unes com aquêles que são da tua opinião, não considerando a igreja, que é o corpo de Cristo, farás uma confederação que será despedaçada, pois não pode subsistir união alguma senão aquela que Deus formou". 8T:161.

"Não devíamos ser guiados por homens que queriam que sua palavra fôsse a autoridade dominadora. Tem crescido, de maneira marcante, o desejo de dominar; por isso, Deus enviou advertências após advertências, proibindo as confederações e a consolidação". 8T:217.

"Nunca foi propósito de Deus que um homem, ou quatro, ou vinte, tomassem uma obra importante nas suas próprias mãos, e a levassem avante independentemente dos demais obreiros na Causa.

"Deus quer que o Seu povo tome conselhos em conjunto, que sejam uma igreja unida, e que se tornem, em Cristo, um todo perfeito. A única segurança que temos é a de entrarmos nos conselhos do Céu, procurando sempre fazer a vontade de Deus, para tornarmo-nos co-obreiros dÊle.

"Nenhuma companhia deve confederar-se e dizer: 'Vamos tomar esta obra e levá-la avante a nosso próprio modo; e,

se ela não fôr como queremos, não emprestaremos nossa influência para que ela progrida em absoluto'. Essa é a voz de Satanás, não de Deus. Não obedeçais a semelhantes sugestões.

"O que necessitamos é o espírito de Jesus. Quando o tivermos, havemos de amar-nos uns aos outros...

"Suponhamos que, cada dia, procuremos ter nossos corações unidos pelos laços do amor cristão. 'Tenho, porém, contra ti', diz a Testemunha verdadeira, 'que deixaste tua primeira caridade' (Ap 2:4). E diz ainda: 'Arrepende-te'; 'quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal' (Ap 2:5). Por que? Porque na nossa separação uns dos outros estamos separados de Cristo". 2SM:374.

"Na nossa Obra devemos considerar a relação que cada obreiro mantém para com os outros obreiros ligados à Causa de Deus. Devemos lembrar-nos de que os outros como nós mesmos, têm uma obra à fazer em conexão com esta Causa. Não devemos fechar a mente ao conselho. Em nossos planos para levar avante a Obra, deve a nossa mente unir-se a outras mentes...

"É um êrro afastarmo-nos daqueles que não concordam com as nossas idéias... É nosso dever aconselhar-nos com nossos irmãos, e ouvir-lhes os conselhos. Devemos procurar o seu conselho e, quando êles o dão, não devemos desprezá-lo, como se êles fôssem nossos inimigos... Além disso, se acharmos que não necessitamos do conselho de nossos irmãos, fechamos a porta de nossa utilidade como conselheiros seus...

"Quando homens, cheios de confiança própria, julgam ser seu dever aconselhar em vez de desejar ser aconselhados por seus irmãos experimentados, atenderão a vozes que os levarão a caminhos estranhos... Se recusarem emparelhar-se sob a carga com outros que tiveram longa experiência na Obra, serão cegados pela confiança própria, não fazendo distinção entre o falso e o verdadeiro. Não há segurança em permanecerem tais pessoas na posição de líderes, para seguirem seu próprio juízo e seus próprios planos...

"Não cedam os homens ao ardente desejo de se tornarem grandes líderes ou ao anseio de fazerem projetos e planos independentemente, para si mesmos e para a Obra de Deus...

"Embora, tenhamos um trabalho individual e uma responsabilidade individual diante de Deus, não devemos seguir o nosso próprio juízo, sem tomar em consideração as opiniões e sentimentos dos nossos irmãos, pois tal procedimento acarretaria desordem na igreja". TM:500-503.

"Lembrai-vos de que somos cooperadores de Deus. Deus é o agente todo-poderoso e eficaz. Seus servos são instrumentos Seus. Não devem trabalhar um contra o outro, agindo cada um de acôrdo com suas próprias idéias. Devem trabalhar em harmonia, ajustando-se uns com os outros em bondade, cortesia e disciplina fraternal, em amor mútuo. Não deve haver crítica ferina, nem a destruição do trabalho feito pelos outros. Juntos devem levar avante a Obra". Ev:106.

Cont. da pág. 30

A CONFERÊNCIA...

mesmo ficar reduzidos a uma condição tal, que apenas 5% — a vigésima parte — da igreja possa reunir seus delegados. É lógico que então não poderemos falar em "conferência geral" a não ser na sua primeira forma, a saber, o inteiro corpo de crentes, a totalidade da igreja. Nem se poderá então sonhar com uma assembléia total de representantes (forma dois) ou com a eleição de uma diretoria geral para a Obra (forma três), em base do princípio eleitoral dado por Deus (8T:236, 237). Mas aqui estamos falando de um assunto completamente diverso. Estamos advertindo o povo contra um engano que consiste em voluntàriamente negar, deturpar, e corromper o verdadeiro sentido daquele que, nos Testemunhos e nos Princípios de Fé, se chama "conferência geral", e em dar-lhe falsos significados, com propósitos evidentemente ignominiosos, que não seriam alterados ainda que não existissem as referidas restrições políticas.